

UNIVERSIDADE MACKENZIE

F.L.E.P.

FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO II

PROF. PAULO VIANA DE MOURA

PAULO FREIRE

Helena Maria dos Santos
Patrícia Hirata Martins
Patrícia Ottaiano
Teresa Cristina de Assis

São Paulo, 23 de maio de 1997.



"Gostaria de ser lembrado como homem que amou os homens e as mulheres, os pássaros, as árvores, as águas... Enfim, o mundo."

Paulo Freire

ÍNDICE

• Biografia de Paulo Freire.....	01
• O método Paulo Freire.....	08
• As etapas do método.....	09
• A alfabetização de crianças.....	14
• O pensamento de Paulo Freire.....	16
• Obras de Paulo Freire.....	21
• Pedagogia do Oprimido.....	24
• Pedagogia da Esperança.....	26
• Pedagogia da Autonomia.....	27
• Paulo Freire no contexto pedagógico contemporâneo.....	30
• Correspondências de Paulo Freire.....	34
• Artigos de revistas e jornais sobre Paulo Freire.....	49
• Entrevista com Paulo Freire.....	59
• Fazendo as pazes com a história.....	62
• Onde se encontra o material sobre Paulo Freire.....	78
• Que futuro pode ter o pensamento de Paulo Freire.....	80
• Conclusão.....	83

BIOGRAFIA DE PAULO FREIRE

Paulo Reglus Neves Freire, conhecido no Brasil e no exterior apenas como Paulo Freire, nasceu em Recife, PE., em 19 de setembro de 1921, filho de Joaquim Temístocles Freire e Edeltrudes Neves Freire.

Começou a leitura da palavra com a mãe, escrevendo palavras com gravetos das mangueiras, à sombra delas, no chão do quintal da casa onde nasceu.

Paulo Freire conclui a escola primária em Jaboatão, fez o ginásio e o segundo grau no Colégio Oswaldo Cruz também em Recife. Neste educandário, completou os setes anos dos estudos secundários, ingressando aos 22 anos de idade na Faculdade de Direito do Recife. Fez esta opção por ser a que se oferecia dentro da área de ciências humanas. Na época não havia em Pernambuco curso superior de formação de educador.

Antes de ter concluído seus estudos, casou-se em 1944, com a professora primária Elza Maria Costa Oliveira, com quem teve 5 filhos: Maria Madalena, Maria Cristina, Maria de Fátima, Joaquim e Lutgardes. Ainda nesse tempo, tornou-se professor de língua portuguesa do Colégio Oswaldo Cruz.

Após a experiência de docência no mesmo estabelecimento de ensino em que havia estudado, foi ser diretor do setor de Educação e Cultura do SESI. Aí teve contato com educação de adultos/ trabalhadores e sentiu o quanto eles e a nação precisavam enfrentar a questão da educação e, mais particularmente, de alfabetização. Freire ocupou o cargo de diretor desse setor do SESI de 1947 a 1954 e foi Superintendente do mesmo de 1954 a 1957.

Ao lado de outros educadores, fundou nos anos 50 o Instituto Capibaribe, instituição de ensino privado conhecida até hoje em Recife pelo seu nível de ensino e de formação científica, ética e moral voltada para a consciência democrática.

Em 9 de agosto de 1956 foi nomeado membro do Conselho Consultivo de Educação do Recife. Alguns anos depois, foi designado para cargo de Diretor da Divisão de Cultura e Recreação do Departamento de Documentação e Cultura da Prefeitura Municipal do Recife.

Teve suas primeiras experiências como professor de nível superior lecionando Filosofia da Educação na Escola de Serviço Social a qual posteriormente, foi incorporada à então Universidade do Recife.

Em fins de 1959, prestou concurso e obteve o título de Doutor em Filosofia e História da Educação, defendendo a tese "Educação e atualidade brasileira".

Paulo Freire foi também um dos Pioneiros do Conselho Estadual de Educação de Pernambuco. Os "Conselheiros Pioneiros", foram escolhidos pelo governador Miguel Arraes, dentre as "pessoas de notório saber e experiência em matéria de educação e cultura" do Estado pernambucano.

Explorando a área acadêmica, Paulo Freire, engajou-se também nos movimentos de educação popular do início dos anos 60. Foi um dos fundadores do Movimento de Cultura Popular (M.C.P.) do Recife, e nele trabalhou no sentido de, através da valorização da cultura popular, contribuir para a presença participativa das massas populares na sociedade brasileira.

As primeiras experiências com a alfabetização de adultos começaram na cidade de Angicos (RN) em 1963, onde 300 trabalhadores rurais foram

alfabetizados em 45 dias. E por esta organização, Freire ficou conhecido nacionalmente como educador voltado para as questões do povo. Logo depois, foi para Brasília a convite do recém-empossado Ministro da Educação Paulo de Tarso Santos, do governo Goulart, para realizar uma campanha nacional de alfabetização, nascendo assim, sob sua coordenação, o Programa Nacional de Alfabetização, que pelo "Método Paulo Freire" tencionava alfabetizar, politizando, 5 milhões de adultos.

Em 1964 quando o cerco golpista já se avizinhava, foi destituído de suas funções de Conselheiro.

Foi Relator da Comissão Regional de Pernambuco e autor do relatório intitulado "A Educação de Adultos e as Populações Marginais: O Problema dos Mocambos", apresentado no II Congresso Nacional de Educação de adultos em julho de 1958, no Rio de Janeiro, que Paulo Freire firmou-se como educador progressista.

Os anseios da sociedade política vinham ao encontro de uma parte da sociedade civil dos anos 50, alimentando um clima propício para a mobilização, para as reflexões e para as pretensões de mudanças sociais e políticas. Freire assim, traduziu as necessidades de seu tempo e nelas se engajou.

A coragem de por em prática um autêntico trabalho de educação que identifica a alfabetização com um processo de conscientização, capacitando o oprimido tanto para a aquisição dos instrumentos de leitura e escrita quanto para sua libertação fez dele um dos primeiros brasileiros a serem exilados. A metodologia por ele desenvolvida foi muito utilizada no Brasil em campanhas de alfabetização, e por isso, ele foi acusado de subverter a ordem instituída, sendo preso após o golpe militar de 1964.

Depois de 72 dias de reclusão, foi convencido a deixar o país. Exilou-se primeiro na Bolívia (durante alguns dias); foi para o Chile onde, durante 5 anos (64 a 69) trabalhou em programas de educação de adultos no Instituto Chileno para a Reforma Agrária (ICIRA). Foi que escreveu sua principal obra: *Pedagogia do Oprimido*.

De abril de 1969 a fevereiro de 1970 morou em Cambrigde (EUA), trabalhou como professor na Universidade de Harvard, em estreita colaboração com numerosos grupos engajados em novas experiências educacionais tanto em zonas rurais quanto urbanas.

Durante os 10 anos seguintes, morando em Genebra (Suíça), foi Consultor Especial do Departamento de Educação do Conselho Mundial das Igrejas. Nesse período, deu consultoria educacional junto as vários governos como: África, Ásia, Oceania, América (com exceção do Brasil).

Ajudava, principalmente, os países que tinham conquistado sua independência política a sistematizarem seus planos de educação. Cabo Verde, Angola e sobretudo Guiné-Bissau o conheceram por seus trabalhos.

Em 1980, depois de 16 anos de exílio, retornou ao Brasil para "reaprender" seu país. Lecionou na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e depois fixou-se na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Em 1987, foi descoberto em Estocolmo, uma escultura em que Paulo Freire se encontra ao lado de outras seis personalidades contemporâneas que se destacaram na luta pela paz e pela solidariedade.

A escultura é um sofá, criada pelo artista sueco Pye Engström, que escolheu figuras que representam importantes princípios do nosso tempo:

PABLO NERUDA, o chileno - para não nos esquecermos do povo do Chile e de sua luta contra o fascismo.

GEORG BORGSTRÖM - por seu trabalho demonstrar-nos que a terra é frágil e que seus recursos são inesgotáveis.

ANGELA DAVIS - por sua luta contra o racismo.

MAO TSETUNG - por ter conduzido a luta do povo da China contra a fome e a humilhação.

SARA LIDMAN - pelo apoio demonstrado ao povo do Vietnã em sua luta contra o imperialismo, através de sua criação literária.

PAULO FREIRE - por haver formulado uma pedagogia a serviço dos oprimidos, uma pedagogia que auxiliará as pessoas na criação de uma nova sociedade.

ELISE OTTESEN-JENSEN - por seu trabalho em defesa do direito das mulheres de decidirem suas vidas e pelo direito das crianças de nascerem desejadas.

Com a morte de sua primeira esposa, em outubro de 1986, Freire abateu-se até quando, optando pela vida, casa-se novamente, em 27 de março de 1988 com Ana Maria de Araujo Hasche, sua orientanda de mestrado da PUC.

De 1989 a 1991, atuou como Secretário de Educação no Município de São Paulo, maior cidade do Brasil. Durante seu mandato democrático fez um grande esforço na implementação de movimentos de alfabetização, de revisão curricular e empenhou-se na recuperação salarial dos professores.

Foi reconhecido mundialmente pela sua práxis educativa através de numerosas homenagens. Além de ter seu nome adotado por muitas

instituições, é cidadão honorário de várias cidades no Brasil e no exterior. A Paulo Freire foi outorgado o título de Doutor Honoris Causa por 33 Universidades. Por seus trabalhos na área educacional, recebeu entre outros, os seguintes prêmios: "Prêmio Rei Balduino para o Desenvolvimento" (Bélgica, 1980), "Prêmio UNESCO da Educação para a paz" (1986), "Prêmio Andres Bello da Organização dos Estados Americanos, como Educador do Continente" (1992) e "Prêmio Moinho Santista - Ciência da Educação" (1995).

Trinta anos depois, Freire retorna a Angicos, em agosto de 1993 para um percurso sentimental pelos principais lugares onde aconteceram as aulas e reuniões do movimento de alfabetização. Muitos dos seus ex-alunos estavam lá.

Momento de suma importância na vida de Paulo Freire, foi a sua ida ao Mackenzie no dia 10 de abril de 1997, para uma palestra no VI Simpósio de Educação promovido pela Universidade.

Reconhecido internacionalmente como a maior expressão da Pedagogia Brasileira, Paulo Freire continua atual e polêmico. Autor de mais de uma centena de obras, traduzida em mais de 18 idiomas.

Paulo Freire tornou-se indubitavelmente, um marco na compreensão pedagógica, um divisor de águas entre uma educação neutra, alienante e universalizante e uma essencialmente radicada no cotidiano político-existencial dos alfabetizados e das alfabetizadas, não se reduzindo a ele, obviamente.

Paulo Freire, morreu no dia 2 de maio de 1997 em São Paulo, aos 75 anos, de parada cardíaca. Sua morte foi sentida profundamente por seus familiares, amigos, educadores de todo o mundo, enfim, por todos aqueles que verdadeiramente aprenderam a admirar o ser humano fantástico, que era

por de trás do maravilhoso educador , pois ele vivia intensamente tudo que fazia.

Escrever sobre este momento, é muito difícil e doloroso para nós, pois estávamos vivendo tão intensamente essa relação com Paulo Freire, que a sua morte deixou-nos perplexas e extremamente entristecidas com a sensação de um profundo vazio, que dificilmente será preenchido.

Poderíamos escrever muitas e muitas páginas sobre a perda inestimável de Paulo Freire, mas achamos que é mais rico escrevermos sobre o seu longo e precioso trabalho em vida, no qual deixou marcas profundas em todos àqueles que, de uma maneira ou de, entrou em contato com ele; e esse é o nosso caso.

"Gostaria de ser lembrado como um homem que amou os homens e as mulheres, os pássaros, as árvores, as águas... Enfim, o mundo."

Paulo Freire

O MÉTODO PAULO FREIRE

Em seu método, a alfabetização deve ser entendida no contexto em que surgiu - o Nordeste Brasileiro, onde, no início da década de 60, metade de seus 30 milhões de habitantes, vivia na cultura do silêncio, isto é eram analfabetos. Era preciso "dar-lhes a palavra" para que "transitassem" para a participação na construção de um Brasil, dono do seu próprio destino que superasse o colonialismo.

O método nasceu no interior do MCP - Movimento de Cultura Popular do Recife - que, no final da década de 50, criaram os chamados Círculos de Cultura. Segundo o próprio Paulo Freire os círculos de cultura não tinham uma programação feita *a priori*. A programação vinha de uma consulta aos grupos, quer dizer: os temas a serem debatidos nos Círculos de Cultura, era o grupo que estabelecia. Cabia aos educadores, com o grupo, tratar a temática que o grupo propunha.

A participação no sujeito da aprendizagem no processo de construção do conhecimento não é apenas algo mais democrático, mas demonstrou ser também mais eficaz. Ao contrário da concepção tradicional da escola, que se apoia em métodos centrados na autoridade do professor, Paulo Freire comprovou que os métodos novos, em que os alunos e professores aprendem juntos, são mais eficazes.

AS ETAPAS DO MÉTODO

O método de formação da consciência passa por três etapas distintas:

- Etapas de investigação:

Esta é a etapa da descoberta do universo vocabular, em que são levantadas **palavras e temas geradores** relacionados com a vida cotidiana dos alfabetizandos e do grupo social a que eles pertencem.

O alfabetizador começa o seu trabalho saindo a campo com um caderno ou, se possível, com um gravador, atento a tudo o que ouve e vê. Mistura-se às pessoas da comunidade local da forma mais íntima possível. Não há questionários, nem roteiros a seguir: faz perguntas sobre a vida das pessoas e seu modo de perceber o mundo. O objetivo é listar as palavras mais usadas pelos indivíduos que serão alfabetizados.

Tudo deve ser explorado: palavras, frases, ditos, provérbios, modos peculiares de falar, de compor versos, de contar o mundo.

Este trabalho preliminar do alfabetizador visa revelar o mundo vivido pelos analfabetos, ou seja, como se apresenta o pensamento e a realidade social do grupo com quem irá trabalhar. Enfim, a técnica de alfabetização proposta por Paulo Freire surge como uma consequência natural da tomada da consciência dos problemas vividos pelo grupo.

Dessa pesquisa nascem as **palavras geradoras** que devem ser selecionadas em função da riqueza silábica, do valor fonético e principalmente em função do significado social para o grupo.

- Etapas de tematização:

Nessa segunda etapa, as palavras devem codificar (representar) o modo de vida das pessoas do lugar. Mais tarde, elas serão decodificadas, e a cada

palavra é associado um núcleo de questões ao mesmo tempo existencial (questões ligadas à vida) e político (questões ligadas aos determinantes sociais das condições de vida).

Esse contexto figurativo dava sustentação psicológica à palavra na mente do analfabeto. A palavra geradora funciona como **chave**. É nesta fase que são elaboradas as fichas para a decomposição das famílias fonéticas, dando subsídios para a leitura e a escrita.

Eis um exemplo de como pode ser trabalhado uma palavra geradora:

TIJOLO

1º) Apresenta-se a palavra geradora inserida na representação de uma situação concreta.

Idéias para discussão:

- finalidade do tijolo: construção de moradias;
- do que ele é feito;

Finalidades da conversa:

- levar o grupo a discutir sobre a situação dos diferentes tipos de moradias;
- discutir o porquê dessa situação;
- discutir com o pessoal sobre o valor da moradia;
- levar o grupo a descobrir que todos têm o direito a uma moradia digna.

Encaminhamento da conversa:

- como é que está a situação de moradia no nosso país? Por quê?
- o que é moradia?
- como deve ser a moradia? Por quê?
- o que podemos fazer para conseguir uma moradia digna?

2º) Escreve-se simplesmente a palavra.

TIJOLO

3º) escreve-se a palavra com as sílabas separadas.

TI-JO-LO

4º) Apresenta-se a família fonêmica da primeira sílaba.

TA-TE-TI-TO-TU

5º) Apresenta-se a família fonêmica da segunda sílaba.

JA-JE-JI-JO-JU

6º) Apresenta-se a família fonêmica da terceira sílaba.

LA-LE-LI-LO-LU

7º) Apresentam-se as famílias fonêmicas da palavra que está sendo decodificada.

TA-TE-TI-TO-TU

JA-JE-JI-JO-JU

LA-LE-LI-LO-LU

8º) Apresentam-se as vogais.

A-E-I-O-U

Se alguém do grupo se animar a criar qualquer palavra, isso deve ser muito incentivado. O professor não deve insistir sobre o grupo e, menos ainda, sobre uma pessoa. Caso sinta que ainda não é possível- e isso só acontece nas primeiras palavras- ele mesmo pode criar, formar palavras simples, acompanhando a fala com gestos que apontem em movimento cada pedaço e todos que formam as palavras.

Mais tarde, o professor deve incentivar o grupo a que faça o trabalho de criar outras palavras, ou de recriar as mesmas que ele acabou de construir.

Alguns chegam perto, apontam pedaços, formam palavras: “palavras de pensamento”, como *luta*, ‘palavras mortas”, como *lito*. De início todas servem, desde que sejam feitas. Só mais tarde é que ele poderá mostrar a diferença.

Com muita alegria Paulo Freire lembra que um dia, em cima da ficha de descoberta *tijolo*, um alfabetizando de Brasília construiu: *tu já lê* (tu já lê). Durante o resto do tempo todos que queiram podem formar palavras, e estas são escritas na lousa, se caso não houver podem ser escritas em um cartaz branco. O professor deve mostrar todas as palavras criadas, escritas por ele, e chamar a atenção de todos lembrando que aquilo foi trabalho do grupo.

O trabalho de escrever é muito difícil para alguns adultos, por isso houve casos que foi preciso exercícios de coordenação motora.

Entre palavras geradoras frases completas podem ser escritas com poucos fonemas. É este exercício, que torna muito motivante e criativo o trabalho coletivo de construir a língua no ato de aprender a ler, que o professor deve caminhar, quando sentir que há material bastante para fazê-lo com todos.

No fim das palavras- mas não do trabalho- os alunos estão formando não só frases curtas como pequenas falas escritas, mas períodos: “idéias completas”.

Em síntese, no momento em que o (a) alfabetizando(a) consegue, articulando as sílabas, formar palavras, ele ou ela está alfabetizado(a). O processo requer, evidentemente, aprofundamento, ou seja, a pós-alfabetização.

- Etapa da problematização:

Nesta ida e vinda do concreto para o abstrato e do abstrato para o concreto, volta-se ao concreto problematizado. Descubrem-se os limites e as

possibilidades das situações existenciais concretas captadas na primeira etapa. Evidencia-se a necessidade de uma ação concreta, cultural, política, social, visando a superação de situações-limites, isto é, de obstáculos à hominização (etapa de evolução do mundo em que surgem o homem e a mulher, ou seja, em que surge a capacidade de refletir e atuar sobre a realidade para transformá-la). Saber ler e escrever torna-se instrumento de luta, atividade social e política. O objetivo final do método é conscientização. A realidade opressiva é experimentada como processo passível de superação. A educação para a libertação deve desembocar na **práxis transformadora**, ato do educando, como sujeito organizado coletivamente.

A eficácia do método consiste em partir da realidade do alfabetizando, do que ele já conhece, do valor pragmático das coisas e fatos de sua vida cotidiana, de suas situações existenciais.

O método obedece às normas metodológicas e lingüísticas, mas vai além delas, porque desafia o homem e a mulher que se alfabetizam a se apropriarem do código escrito e as politizarem, tendo uma visão de totalidade da linguagem e do mundo.

O método nega a mera repetição alienada e alienante de frases, palavras e sílabas, ao propor aos alfabetizandos “ler o mundo” e “ler a palavra”, leituras, aliás, como enfatiza Freire, indissociáveis. Daí ter vindo se posicionando contra as cartilhas.

Em suma, o trabalho de Paulo Freire é mais do que um método que alfabetiza, é uma ampla e profunda compreensão da educação, que tem como cerne de suas preocupações, a sua natureza política. Porque compreendeu a educação dessa maneira e lutou para que um grande número de brasileiros e

brasileiras tivesse acesso a esse bem a eles negado secularmente: o ato de ler a palavra lendo o mundo, Paulo Freire esteve no exílio por quase 16 anos.

A ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS

Na alfabetização de crianças, a teoria é a mesma, variando muito o **processo**, na medida em que é preciso levar em conta o maior domínio da palavra no adulto e o forte impulso lúdico das crianças. Indagando sobre a aplicabilidade de seu método a crianças, assim respondeu Paulo Freire:

“ Trata-se basicamente de uma visão diferente da prática educativa. Na educação das crianças, o importante não é abrir a cabeça delas para lhes dar nomes de ilhas e vultos, mas possibilitar que as crianças criem conhecimentos e conheçam criando[...], expressando-se e expressando a realidade, numa compreensão crescentemente lúcida de sua realidade. Isso é difícil porque os pais, ideologizados pela consumação, exigem que, nas escolas, seus filhos consumam conhecimentos. As Universidades, mais tarde, transformam-se em armazéns de conhecimentos. Os pais exigem que as escolas sejam pequenos pegue-pagues para seus filhos. Mas hoje também há espaços para que mudemos essa prática.”

A alfabetização de crianças, no entanto, não foi desenvolvida por Paulo Freire, mas por sua filha, Madalena. Esse trabalho, além de inspirar-se em Paulo Freire, baseou-se nas pesquisas de Emília Ferreiro.

O PENSAMENTO DE PAULO FREIRE

Se analisarmos o pensamento de Paulo Freire, chegamos a conclusão que toda sua filosofia e prática tiveram um início bem concreto. Basta considerar sua origem para entendermos perfeitamente sua atuação consciente em prol da educação.

No Nordeste Brasileiro, marcado por uma pobreza extrema, Freire experimentou concretamente as dificuldades pelas quais passam o povo, muitas vezes abandonado pelos poderes públicos. Dentre elas, a questão do analfabetismo foi que mais o motivou tomar determinadas posições, a se comprometer com algumas causas que certamente lhes causou até os 16 anos de exílio.

O analfabetismo, sobretudo de adultos, não é considerado por Freire somente no aspecto de dificuldade para decodificar as palavras escritas, pelo contrário, tal decodificação talvez seja a de menor importância, porém necessária. O que ele empenhou por comprovar foi, e continua sendo, a alfabetização como processo que favoreça reconhecer o mundo e seus mecanismos, sentindo-se sujeito da história, tornando-se capaz de ler o verdadeiro significado ideológico das diferentes concepções e descobrir as causas da opressão e das diferenças sociais.

Há de se considerar que o pensamento deste educador é vastíssimo, e uma análise minuciosa exigiria outros pressupostos, dos quais não dispomos no momento. Portanto, queremos elucidar algumas características que nos são peculiares e de extrema importância para o nosso saber pedagógico:

1. PROCESSO DE CONSCIENTIZAÇÃO: Diferente de ser um conhecimento objetivo da realidade, Paulo Freire traduz o processo de conscientização como sendo a capacidade de inserção ativa e não de adapção cômoda em tal realidade, ou seja, favorecer que o indivíduo se torne sujeito da história capaz de posicionar-se diante de questões que, de diferentes origens, atinjam sua realidade específica com o intuito de transformá-las.

Esta relação com a realidade é a marca original do pensamento freireano que é, por assim dizer, o objetivo do seu pensamento pedagógico. Qualquer processo educacional que não permita os homens e mulheres se sentirem sujeitos, que não possibilite a compreensão real da realidade e incite o educando a transformá-la radicalmente para melhorá-la é condenado por Freire. Por isso que ele estabelece uma profunda ligação entre educação e política, ou seja, a educação como processo conscientizador tem que ser expressão de uma vontade política, caso contrário, acontece o que aconteceu com o próprio Freire que foi exilado porque a Campanha Nacional de Alfabetização estava conscientizando imensas massas populares.

2. PROCESSO DE LIBERTAÇÃO: Paulo Freire acredita numa educação que provoque a libertação de sistemas injustos que oprimem e esta tarefa é infundável. Tal processo assume dois movimentos, o de denúncia da realidade opressora e de anúncio, pois a crítica

transformadora só é viável quando capaz de apresentar sugestões para uma realidade nova, uma realidade transformada.

3. DIÁLOGO: Consiste numa relação horizontal, e não numa relação vertical proposta pelos dominadores traduzida pelo autoritarismo desenfreado, que se nutre de amor, humildade, esperança, fé e confiança. O diálogo se concretiza nas relações interpessoais assumidas e valorizadas de modo que o pensar do educador e do educando sejam respeitados, o que não significa dizer que o pensar do educador deve se limitar no pensar do educando, pelo contrário, na condição de educador, o seu pensar deve ultrapassar o pensar do educando para que o educador possa desafiá-lo e ser um facilitador no processo educacional.

4. INTERDISCIPLINARIEDADE: O pensamento de Paulo Freire não se limita somente na área educacional, na sua concepção restrita. Ele penetra outras áreas científicas, tanto sociais quanto empírico-analíticas, e faz com que elas também assumam o seu caráter educacional, responsável também pela formação do sujeito social.

O objetivo da interdisciplinariedade é experimentar uma vivência de uma realidade global que se insere nas experiências cotidianas do educando, do educador e do povo e que, na escola tradicional, é fragmentada. Articular saber, conhecimento, vivência, escola, comunidade, meio ambiente etc... é fundamental para o trabalho coletivo e solidário na organização do trabalho escolar. Porém, não há interdisciplinariedade sem descentralização do poder.

5. HUMANISTA-INTERACIONISTA: O indivíduo, no pensamento freireano é considerado como sujeito de um processo histórico e não como objeto passível de ser manipulado e dominado; e como sujeito, capaz de interagir com os seus semelhantes e com o meio social em que vive a ponto de fazer dele uma releitura crítica e reconstruí-lo com uma maior dignidade. Consequentemente, ele não pensa a realidade como um sociólogo que procura apenas entendê-la. Ele busca elementos para, compreendendo cientificamente a realidade, poder intervir de forma mais eficaz nela.
6. PENSAMENTO DIALÉTICO: Paulo Freire não separa no seu fazer pedagógico teoria e prática. Em suas obras reconhecemos uma prática profundamente refletida. Teoria, método e prática formam um todo guiado pelo princípio da relação entre conhecimento e o conhecedor.
7. LEITURA DO MUNDO X LEITURA DA PALAVRA: Paulo Freire insiste que o êxito da alfabetização passa necessariamente pelo processo de leitura do mundo, ou seja, a valorização da experiência de vida que o educando traz consigo independente da escola.

Segundo Emília Ferreiro, Vygotsky e outros educadores podemos perceber que a leitura da palavra é ambígua, pois a mesma palavra traz em si vários significados, ficando a cargo do leitor a devida interpretação, como por exemplo: a palavra pena pode significar: pena de aves; compaixão, dó; cumprimento de sentença; caneta; etc.... Por isso, que se o educando não tiver internalizado a leitura do

mundo, não terá condições de fazer a leitura da palavra de maneira consciente.

OBRAS DE PAULO FREIRE

- *Educação como prática da liberdade, 1967*

É a primeira das grande obras de Paulo Freire na qual desenvolve de forma mais completa as idéias anteriormente propostas em sua tese intitulada "Educação e atualidade brasileira". A obra propõe uma prática dialógica e anti-autoritária. Enfatiza que a primeira é uma ação pedagógica para a liberdade, mas sua viabilização só é possível em uma sociedade em que as condições sociais, políticas e econômicas lhes sejam favoráveis. É o primeiro livro de Freire publicado no Brasil e nele já se percebe o compromisso com uma pedagogia do oprimido. Lançam-se as bases de uma filosofia da educação que nos conduz a pensar com o oprimido e não para o oprimido.

- *Pedagogia do oprimido, 1968*

É a mais conhecida das obras de Freire traduzida ainda para o sueco, norueguês, filandês, dinamarquês, flamengo, grego, árabe, chinês, etc... Sua ênfase principal é que o homem deve aprender a sua própria palavra e não repetir, simplesmente, a do outro.

- *Cartas a Guiné-Bissau, 1977*

O enfoque principal da obra é de que a ajuda verdadeira é aquela em que os envolvidos nelas se ajudem mutuamente e, assim, cresçam no esforço comum de conhecer a realidade opressora que desejam transformar.

- *A importância do ato de ler, 1982*

É a primeira publicada no Brasil após o retorno de Freire de um longo período de 16 anos de exílio. Paulo Freire produz sua obra pensando e repensando sua própria prática, sua vivência pessoal; trabalhando a temática da leitura, discutindo sua importância, explicitando a compreensão crítica da alfabetização e do papel de uma biblioteca popular.

- *A educação na cidade, 1991*

Este livro é uma coletânea de entrevistas que registram a experiência política e administrativa de Paulo Freire como Secretário Municipal de Educação na cidade de São Paulo (1989-1991). Os textos mencionam modelo político-pedagógico traçado, inspirado na noção de escola pública popular, seus objetivos e os instrumentos para implementá-lo, como: reparo e restauração de edifícios e bancos escolares, gestão democrática da escola, reforma curricular e a criação do Movimento de Jovens e Adultos de São Paulo.

- *Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido, 1992*

É uma obra que sintetiza as grandes temáticas gestadas no fragor das lutas sociais que convulsionaram a América Latina e os povos do Terceiro Mundo, suscitaram as reflexões, formuladas na cadência dessas lutas, com necessidade de sobreviver, gerando, para ontem quanto para hoje, tanto a possibilidade de suplantar o embotamento da opressão e fazer brotar as

energias da esperança, quanto a de produzir uma pedagogia da esperança partejada da pedagogia do oprimido.

- Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar, 1995

Paulo Freire fala diretamente as professoras e aos professores sobre as lições aprendidas de sua experiência de vida, enquanto educador e pensador social.

- Cartas a Cristina, 1994

É um texto de memória, sobre a memória, onde Paulo Freire se corresponde com sua sobrinha Cristina, relatando-lhe toda a trajetória de sua vida em suas idas e vindas.

- À sombra desta mangueira, 1995

Traz, talvez, mais do que outras obras de Paulo Freire, uma visão explícita do mundo, da política, dos valores. A obra "tateia", melhor dos sentidos, construindo pontes e caminhos entre os cheiros e sabores da infância, a educação formadora e transformadora, as dinâmicas tecnológicas do mundo moderno, as injustiças e absurdos econômicos, a busca de alternativas políticas, os compromissos pessoais que estas alternativas implicam, voltando à mangueira como âncora da identidade que se reencontra e se recria.

- Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa, 1997

Numa linguagem acessível e didática ele reflete sobre saberes necessários à prática educativo-crítica fundamentados numa ética pedagógica e numa visão

de mundo alicerçadas em rigorosidade, pesquisa, criticidade, riscos, humildade, bom senso, tolerância, alegria, curiosidade, esperança, competência, generosidade, disponibilidade... molhadas pela esperança.

PEDAGOGIA DO OPRIMIDO

Escrito em 1968, quando em seu exílio no Chile, é sem dúvida a obra-prima de Paulo Freire, publicado pela primeira vez no Brasil em 1974. Trata-se de uma introdução ao seu método de alfabetização. Sua ênfase principal é que o homem deva aprender a pronunciar a sua própria palavra e não repetir, simplesmente, a do outro. Ele propõe que a palavra constitua o veículo através do qual o homem se torna plenamente sujeito. Por intermédio da comunicação autêntica que se estabelece através do diálogo é que o indivíduo transforma-se em criador e sujeito de sua própria história. Uma vez que o processo educativo não é um empreendimento neutro, ele se constitui uma ação cultural para a libertação ou para a dominação. E por causa disto que Paulo Freire completa suas concepções pedagógicas acerca das diferenças entre a pedagogia do colonizador e a pedagogia do oprimido. Sua ótica de classe aparece mais nitidamente: a pedagogia burguesa do colonizador seria a pedagogia "bancária". A consciência do oprimido, diz ele, encontra-se "imersa" no mundo preparado pelo opressor; daí existir uma dualidade que envolve a consciência do oprimido: de um lado, essa aderência ao opressor, essa "hospedagem" da consciência do dominador - seus valores, sua ideologia, seus interesses - e o medo de ser livre e, de outro, a necessidade de libertar-se. Trava-se, assim, no oprimido, uma luta interna que precisa deixar de ser individual para se

transformar em luta coletiva: "ninguém liberta sozinho, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão".

Paulo Freire caracteriza duas concepções opostas de educação: a concepção bancária e a concepção problematizadora.

Na concepção bancária (burguesa), o educador é o que sabe e os educandos, os que não sabem; o educador é o que diz as palavras e os educandos, os que escutam docilmente; o educador é o que opta e prescreve sua opção e os educandos, os que seguem a prescrição; o educador escolhe o conteúdo programático e os educandos jamais são ouvidos nessa escolha e se acomodam a ela; o educador identifica a autoridade funcional, que lhe compete, com a autoridade do saber, que se antagoniza com a liberdade dos educandos, pois os educandos devem se adaptar determinações do educador; e, finalmente, o educador é o sujeito do processo, enquanto os educandos são meros objetos.

Na educação bancária, predominam relações narradoras, dissertadoras. A educação torna-se um ato de depositar; o saber é uma doação dos que se julgam sábios aos que nada sabem.

Ao contrário da bancária, a educação problematizadora, respondendo à essência do ser da consciência, que é sua intencionalidade, nega os comunicados e existência a comunicação. Identifica-se com o próprio da consciência que é sempre ser consciência de, não apenas quando se intenciona a objetos, mas também quando se volta sobre si mesma.

Neste sentido a educação problematizadora, já não pode ser o ato de depositar, ou de narrar, ou de transferir, ou de transmitir conhecimentos e

valores aos educandos, mas, uma troca de sujeitos (educador-educando) tendo um objeto cognoscível como mediatizador, logo, a educação problematizadora coloca a exigência da superação da contradição educador-educando. Sem esta, não é possível a relação dialógica.

O antagonismo entre as duas concepções, uma, a bancária, que serve à dominação; outra, a problematizadora, que serve à libertação, toma corpo exatamente aí. Enquanto a primeira, necessariamente, mantém a contradição educador-educando, a segunda realiza a superação.

Para manter a contradição, a concepção bancária nega a dialogicidade como essência da educação e se faz antidialógica; para realizar a superação, a educação problematizadora afirma a dialogicidade e se faz dialógica.

PEDAGOGIA DA ESPERANÇA

UM REENCONTRO COM A PEDAGOGIA DO OPRIMIDO

Escrito em 1992, a *Pedagogia da Esperança*, um dos mais importantes depois da *Pedagogia do Oprimido*, é uma obra que sintetiza as tramas, os fatos, os debates, as discussões, os projetos, as experiências e os diálogos nascidos das experiências na América Latina e entre os povos do Terceiro Mundo, relacionados à prática da *Pedagogia do Oprimido* como instrumento de luta contra essa nova política de intervenção cultural e econômica do Primeiro Mundo.

Este livro é uma história vivida, numa linguagem muitas vezes poética, às vezes raivosa, mas sempre amorosa. Nele, Paulo Freire reconhece a importância do contexto histórico, escavando-o para mostrar as condições que

deram forma ao pensamento; desvenda as tramas que envolveram vida, idéias e processos sociais; mostra a tragédia das discriminações, a extensão das opressões e o drama dos que lutaram. A obra é também um testemunho de vigor de parte de uma geração na qual a opressão não prosperou, permitindo a ela extrair das vicissitudes e das perseguições a coragem permanente de trabalhar a transformação social.

PEDAGOGIA DA AUTONOMIA

Preocupado com a formação dos professores, Paulo Freire, neste livro apresenta saberes necessários que jamais devem se desvincular do exercício da docência. Ele convida a uma reflexão profunda da prática pedagógica, partindo do **ser** do Educador e das implicações éticas que tal profissão exige para a realização de seu verdadeiro papel social; bem como sua **relação** com o saber e com o educando.

Partindo da realidade de que somos homens e mulheres inacabados, ou em processo de construção, há de se considerar que devemos estar constantemente numa atitude de aprendizagem, o exige dos professores e professoras um redimensionamento de suas práticas pedagógicas, conscientizando-se de que ao educar um educando, educa-se com ele.

A relação ensino-aprendizagem assume, não mais uma via de mão única, mas uma estrada de mão dupla, onde o caminho a percorrer resulta de uma relação interativa não de dois polos, mas de duas pessoas que juntas procuram dar passos significativos em direção a um processo de formação.

Neste sentido, Freire elege algumas exigências básicas a serem vivenciadas pelos educadores, a saber: rigorosidade metódica, pesquisa, respeito aos saberes dos educandos, criticidade, estética e ética, corporeificação das palavras pelo exemplo, risco, aceitação do novo e rejeição de qualquer forma de discriminação, reflexão crítica sobre a prática e o reconhecimento e a assunção da identidade cultural.

Um saber a ser internalizado pelos educadores, num processo de humilde reconhecimento de sua própria realidade existencial e a superação da mesma, é a concepção de que a educação não é a transferência do conhecimento teórico, mas o testemunho coerente de vida.

Qualquer teoria que não se vincule a uma prática visível, perceptível, está fadada ao esquecimento e ao descrédito. Soam como palavras vazias aos ouvidos dos educandos e educandas que, pela falta de testemunho, se satisfazem somente com o conteúdo.

A vida testemunhal de determinados valores, convicções por parte dos educadores e educadoras, é, certamente exigente, difícil. Por isso, a realização da educação na perspectiva de formação, exige uma humildade que possibilite o reconhecimento dos limites da pessoa como obstáculos a serem vencidos.

É por isso que ensinar exige consciência do inacabamento, reconhecimento de ser condicionado, respeito à autonomia do ser do educando, bom senso, tolerância e luta em defesa dos direitos dos educadores, apreensão da realidade, alegria e esperança, convicção de que a mudança é possível.

Convicto de que ensinar é uma especificidade humana, Freire considera a segurança e a competência profissional, saberes intimamente relacionados entre si. O educador só tem segurança no seu fazer pedagógico se ele for devidamente competente. Caso contrário, sua incompetência nega sua segurança e lhe abre espaço para o exercício de um autoritarismo desenfreado.

A partilha do saber é atitude que exige, por uma lado, uma grande disposição interior e por outro, uma curiosidade por parte do educando, que foi, certamente despertada pela competência do educador. Esta competência profissional demanda um comportamento ético real diante da sua própria capacidade. Não se pode ensinar o que não se sabe, porém, sabendo, não se pode não ser generoso, dificultando a partilha do que é sabido.

Por isso, ensinar exige: comprometimento, compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo, liberdade e autoridade, tomada consciente de decisões, saber escutar, reconhecer que a educação é ideológica, disponibilidade para o diálogo, e finalmente, querer bem aos educando.

PAULO FREIRE NO CONTEXTO PEDAGÓGICO

CONTEMPORÂNEO

O pensamento de Paulo Freire pode ser relacionado com o de muitos educadores contemporâneos.

Alguns o comparam a Pichon-Rivière, psicólogo suíço, que viveu na Argentina desde jovem. Conseqüente das diferentes cultura que vivenciou, denota-se nele o pensamento aberto, não-etnocêntrico, não-autoritário; embora seguissem práticas diferentes, ambos se encontram em buscar a **transformação através da consciência crítica**.

Entre os americanos, é aproximado ao educador Theodore Bralmed, apontando a similaridade ao enfoque e a **ênfase no diálogo entre educador e educando**, a relação entre política e educação e aquisição de conhecimento como fator social.

Há quem o compare também com Enrique Dussel, um dos teóricos da Teologia da Libertação. Onde os pontos convergentes são a denúncia da alienação desumanizadora, o anúncio da liberdade e dignidade do homem. Ambos destacaram a importância do próprio oprimido na luta libertadora.

Outros ainda o comparam aos educadores poloneses Janus Korczak (1878-1942) pelo exemplo lendário de uma pedagogia centrada no amor, na autogestão e no anti-autoritarismo, e o socialista Bogdan Suchosolski (1907-1992), o qual Paulo Freire também nutria admiração pessoal e o chamava carinhosamente de “de o último humanista” do século.

Ao receber da Universidade de Genebra, em 1979, o grau de doutor *Honoris causa* em Ciências da Educação, Paulo Freire foi comparado a Edouard Claparède e Pierre Bovet, que como eles acreditou no papel político de uma educação para paz

Encontramos também afinidades com o educador francês Célestin Freinet (1896-1966), na medida que ambos acreditavam na capacidade de o aluno organizar sua própria aprendizagem. E ainda, a importância ao que Freinet chamou de "texto livre", e a utilização do método global de alfabetização, associando a leitura da palavra à leitura do mundo por Freire; ambos insistiam na compreensão do texto tanto para criança como para adultos; educação das camadas populares e sobretudo o diálogo e o contato direto com os alunos.

O psicoterapeuta Carl Rogers (1912-1987), não partilhava da mesma opinião que Freire quanto diretividade da educação, mas sobretudo no que diz respeito à **liberdade de expressão individual**, a crença na possibilidade de os homens resolverem seus problemas sozinhos, desde que motivados para isto. Quanto a responsabilidade da educação estar sobre o próprio estudante, esta descentraliza-se do professor ou do ensino, e focaliza no aluno o senhorio de sua aprendizagem como ser possuidor de forças de crescimento e auto-avaliação. Desta forma, **aula** não é o momento em que se despeja conhecimentos sobre o aluno, e **provas** e **exames** não são instrumentos eficazes verificação se o conteúdo o a maneira como lhe foi ensinada fixou-se na cabeça do aluno. A educação deve ter uma visão do aluno com pessoa inteira, com sentimentos e emoções.

Em seu livro, *La cuestion escolar* (pp 519-592), Jesús Palacios aproxima Paulo Freire, Ivan Illich e Everet Reimer, autor de *A escola está morta*, situando-os como representantes da nova pedagogia da América Latina, dos países do Terceiro Mundo e das sociedades colonizadas. Apesar de distinguir Freire de Illich, identifica posições semelhantes destes autores. Vê uma tentativa de superação do conflito entre escola tradicional e escola nova no que chama de "superação integradora". Palacios encontra a mesma perspectiva igualmente na educadora soviética Krupskaja quase com as mesmas palavras sobre a escola do início do século.

Paulo Freire possui traços marcantes da influência de Dewey em suas obras, através do educador brasileiro Anísio Teixeira, de quem se considerava discípulo e com o qual concordava na denúncia do excessivo centralismo, ligado ao elitismo da educação brasileira. Como Dewey e Anísio Teixeira, Paulo Freire insiste no conhecimento da vida da comunidade local. O que se chama hoje de pesquisa do meio, deveria ser feito com a colaboração do professor. Freire freqüentemente dizia que não se pode ensinar as ciências naturais sem se conhecer o meio.

Contudo, encontramos uma diferença na noção de cultura. Em Dewey ela é simplificada, pois não envolve a problemática social, racial, étnica, ao passo que em Paulo Freire, ela adquire uma conotação antropológica, já que a ação educativa é sempre situada na cultura do aluno.

O que a pedagogia freireana aproveita do pensamento de John Dewey é a idéia de aprender fazendo, o trabalho cooperativo, a relação entre teoria e prática, o método de iniciar o trabalho educativo pela fala (linguagem) dos

alunos. Mas para Freire, as finalidades da educação são outras: sob uma ótica libertadora, a educação deve ligar-se à mudança estrutural da sociedade opressiva, embora não alcance esse objetivo imediatamente e, muito menos, sozinha.

Traços da teoria de Vygotsky também são encontradas na pedagogia de Freire no que diz respeito à importância da abordagem sócio-interacionista na alfabetização.

Embora Vygotsky e Freire tenham vivido em tempos diferentes, a abordagem de ambos enfatiza aspectos fundamentais, relativos a mudanças sociais e educacionais que se interpretam. Enquanto Vygotsky enfoca a abordagem psicológica, Freire se concentra no desenvolvimento de estratégias pedagógicas e na análise da linguagem. Em épocas e linguagem diferentes, ambos perceberam a necessidade de associar a **conquista da palavra à conquista da história**.

Existe ainda relações influentes na teoria de Paulo Freire, Makarenko e sua simplicidade, otimismo e humildade; e Pistrak, com sua idéia de auto-organização das crianças na escolas e engajamento e análise social e política da realidade como conteúdo escolar. A semelhança entre Pistrak e Freire está na "assembléia geral" e no círculo de cultura entre os educandos.

CORRESPONDÊNCIAS DE PAULO FREIRE

Carta a Clodomir Moraes

Lembrando os ensinamentos da prisão

Clodomir, velho de guerra,
amigo - irmão
nas minhas conversas comigo mesmo sempre lembrando;
nas minhas conversas com outras gentes,
nas minhas memórias de nossas "férias" passadas
juntos, no R- 12, lá em Olinda, lembro sempre.
Amigo-irmão, velho de guerra.
que me ensinou, com paciência, como viver entre paredes;
como falar, com coronéis, jamais dizendo um aliás;
que me ensinou a humildade, não só a mim,
também aos outros que estavam, na prisão
grande da bela Olinda , não com palavras que o vento leva,
mas com exemplo- palavração!
que me contou histórias lindas de Pedro Bunda e
seu irmão -" pencas de almas "dependuradas
em fortes troncos, na solidão;
soldados alemães desembarcados no São Francisco.
que me falou com amor, de seu povo
lá do sertão, de seus poetas, de seus músicos, de seus maestros.
Clodomir, Colodomi, velho de guerra,

amigo-irmão, sempre lembrado, agora de longe,
de bem longe, te mando a to, a Célia e aos que ambos já chegaram,
uma penca enorme de abraços nossos.

Paulo

Genève, 16.01.75

Clodomir Santos de Moraes foi companheiro de prisão de Paulo Freire, numa cadeia do quartel de Olinda, pouco tempo depois de se conhecerem em Recife. Advogado, organizador e assessor das Ligas Camponesas dos anos 60, foi eleito deputado federal e cassado em 1964. Trabalhou em diversos países como funcionário da Oit. É autor de Elementos sobre a teoria da organização do campo.

QUE PAÍS É ESTE?

Exmo. Sr. Presidente Ernesto Geisel,

Considero as instruções dadas por V.S^a. de que sejam negados passaportes aos senhores Francisco Julião, Miguel Árraes, Leonel Brizola, Luiz Prestes, Paulo Schiling, Gregório Bezerra, Márcio Moreira Alves e Paulo Freire.

Considerando que, desde que nasci, me indentifico plenamente com a pele, a cor dos cabelos, estatura, cultura, o sorriso, as aspirações, a língua, a música, a história e o sangue destes oito senhores.

Considerando tudo isto, por imperativo da minha consciência e honestidade de princípio, venho por meio desta devolver o passaporte, que

negado a eles, me foi concedido (certamente por engano) pelos órgãos competentes do seu governo.

Juro pela minha mãe, que eu pensava estar vivendo em meu país há 34 anos!

Solicito a compreensão de V.S^a. no sentido de conceder um prazo de 30 dias para que eu possa desocupar o seu país com todos os meus pertences em direção a minha(e a dos 8) verdadeira pátria, o Brasil.

Desculpe o engano. Que confusão siô!

Atenciosamente,

Henfil, janeiro de 1979

PS: Só para me informar :que país é este?

CARTA DE INDIRA GANDHI

Caro Paulo Freire,

Lamento saber que uma indisposição de saúde tenha movido o cancelamento de sua visita à Índia. Espero que você se recupere completamente e logo. Tente vir à Índia novamente.

Esperava encontrá-lo. Tenho apenas uma noção sobre suas idéias sobre educação. Mas isto é suficiente para despertar meu interesse. O homem é uma criatura fascinante com uma personalidade multifacetada e capaz de tanto. Parece-me que, com exceção de um número infinitesimal, este potencial é coberto por camadas e camadas de um tipo de inibição. Nosso sistema de

educação e a estrutura da sociedade desencoraja qualquer mudança de status quo e apoia apenas o interesse de uma pequena parcela da população.

Com minhas lembranças e meus melhores votos, atenciosamente, Indira Gandhi.

(New Delhi, 16 de maio de 1973).

INDICAÇÃO AO PRÊMIO NOBEL DA PAZ

MOÇÃO

A SBPC (Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência), entidade que reúne cientistas brasileiros de todas áreas do conhecimento, na sua 45º Reunião Anual, realizada em Recife, na Universidade Federal de Pernambuco, de 11 a 17 de julho de 1993, manifesta seu apoio à indicação do Professor Paulo Freire para o Prêmio Nobel da Paz.

Considerando a iniciativa de premiação ao educador brasileiro e recifense como o reconhecimento oficial ao seu projeto pedagógico que espalhou por todo o mundo nesta segunda metade do século XX.

A obra de Paulo Freire está orientada para a emancipação da pessoa humana para a liberdade dos povos e à justiça social entre os homens, para a Democracia autêntica como soberania popular e para a paz entre os cidadãos, num clima de humanização e de conscientização.

Conceder o Prêmio Nobel da Paz a Paulo Freire não representa o reconhecimento da obra de uma vida, mas também o reconhecimento de muitas pessoas que lutam pelo quase impossível: dar às pessoas

marginalizadas a chance de levar uma existência digna, despertando-as da apatia e fazendo valer os seus direitos.

SBPC. Recife. 17.07.03

CARTA DO FILÓSOFO

ALBERT MEMMI

Caro Senhor:

Problemas de saúde me impediram de vos agradecer por ter aceitado fazer parte do comitê de honra no trigésimo aniversário do “ Retrato do Colonizado”.

A confiança de um lutador como vós me tem sido muito reconfortante.

Com os meus melhores votos.

Albert Memmi

Paris. 16.01.87

CARTA DO EDUCADOR POLONÊS

BOGDAN SUCHODOLSKI

Caro Senhor Freire:

Sua carta me proporcionou um enorme prazer. Estou profundamente tocado pelo interesse que dedica às minhas obras. Lembro-me muito bem de nosso encontro, mas penso, sobretudo, na sua atividade e nas idéias que são também as minhas. Felicito-o pelo retorno ao país e desejo-lhe muito bom trabalho. Espero que nos encontremos ainda, não somente no plano das idéias , mas também pessoalmente.

Ficarei muito feliz em poder ler seus livros e outros textos publicados recentemente.

Queira aceitar a expressão de meus sentimentos pessoais e de amizade.

Bogdan Suchodolski

Varsovie. 10.12.83

CARTA DO PRESIDENTE DO EQUADOR

OSWALDO HURTADO

Estimado Professor Freire,

Lamentei muito que as circunstâncias tenham impossibilitado nosso encontro durante minha recente visita ao Brasil. Agradar-me-ia enormemente conversar com você por ocasião do lançamento da edição brasileira de meu livro, a qual foi enriquecida sobremaneira por seu acertado prólogo.

Acuso recebimento e agradeço sua amável carta, que me foi entregue por nosso e editor comum, Fernando Gasparian.

Desejo fazê-lo conhecer que o Plano de Alfabetização é um êxito já que o término de meu mandato teremos eliminado o analfabetismo no país. O processo de pós- alfabetização está gerando, com a intervenção direta dos líderes das comunidades rurais, um verdadeiro sentido de autêntica participação popular. Também são positivos os resultados obtidos pela alfabetização nas comunidades bilíngües.

Oxalá tenha você, professor Freire, a oportunidade de regressar um dia ao Equador. Será muito útil para nós realizar um seminário de avaliação do Programa de Alfabetização e eu apreciarei sua inestimável participação.

Receba, com sua família, meu mais fraternal cumprimento.

Oswaldo Hurtado

Quito, Equador, 16.06.1982

A EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA DO EXÍLIO

Numa conversa com **Frei Betto**, extraída do livro *Essa escola chamada vida* (pp. 56-80), **Paulo Freire** refere-se ao grande aprendizado no qual se constituiu seu exílio:

Para mim, o exílio foi profundamente pedagógico. Quando, exilado, tomei distância do Brasil, comecei a compreender-me e a compreendê-lo melhor.

Foi exatamente ficando longe dele, preocupado com ele, que me perguntei sobre ele, me perguntei sobre o que fizeram com os brasileiros da geração jovem e da minha geração. Foi tomando distância do que fiz, ao assumir o contexto provisório, que pude melhor compreender o que fiz e pude melhor me preparar para continuar fazendo algo fora do meu contexto e também me preparar para uma eventual volta ao Brasil.

Isso significa, Ricardo, que, além da relação afetiva - quase amorosa -, você tem como exilado que procurar uma inserção política, fazendo algo em que

você acredite, fazendo algo através de que você se sinta oferecendo uma contribuição, por mínima que seja, a algum outro povo.

No momento em que você começa a negar-se o direito de estar fazendo, a qualquer momento, juízos de valor, você começa a aprender a viver uma virtude que acho politicamente fundamental a este País: a virtude da tolerância. Tolerância que nos ensina, superando os preconceitos, a conviver com o diferente para , no fundo, brigar melhor com o antagônico. É isso a tolerância. A tolerância que comecei a aprender muito bem, no momento em que descobri que, como as culturas são diferentes, não posso simplesmente dizer que esta é pior do que aquela, se bem que possa que possa e deva reconhecer as culturas suas negatividades, que podem e devem ser superadas...

Este sentido de respeito às expressões culturais diferentes, esta compreensão da necessidade da superação das negatividades da cultura - para o que havia desde as primeiras experiências que vivera em anos de minha juventude no Brasil - foram reforçados nos tempos do exílio. Foram enriquecidos pelas observações feitas em viagens de trabalho a diferentes áreas do mundo, mas, sobretudo, a partir de minhas atividades na África, a que juntaria algo fundamental - a leitura, diria melhor, o estudo sério da obra de Amílcar Cabral. Vocês podem assim imaginar o que terá significado para mim ter sido convidado por governos de Estado africanos recém - libertados do jugo colonial, no sentido de juntar a seus esforços pela reconstrução de seus países a minha experiência de educador, jamais dicotomiza de meu compromisso com a causa da libertação dos oprimidos. O que terão significado

para mim convites assim, que expressavam concretamente a confiança que lideranças revolucionárias depositavam em mim! Na verdade, jamais estas lideranças - a da Guiné- Bissau, a de Angola, a de Cabo Verde, a de São Tomé e Príncipe, a de Granada, a de Nicarágua , para falar só nessas - me convidaram como se estivessem chamando um puro técnico. Convidavam o educador militante. Nunca, porém, essa confiança depositada em mim virou razão de vaidade, Razão de alegria mansa, bem - comportada , sim.

Por outro lado, a minha convivência com homens e mulheres que haviam expostos suas vidas na luta, que haviam perdido companheiras e companheiros tombados junto a eles mas que falavam sem arrogância de sua prática, da prática de seu povo, com respeito a ele, sem dar a impressão de proprietários da verdade - tudo isso, que se acrescentava ao que já aprendera no trato humilde do contexto de empréstimo relativizando o sofrimento do exílio, que me preparava também para, na volta, dizer o que disse: vim reaprender o Brasil, e não para ensinar os que aqui ficaram como “ exilados internos “.

FALA CLANDESTINA

Em 1978 Paulo Freire ainda estava impedido de retornar ao Brasil. Ele havia sido convidado para abrir um Seminário, mas lhe negaram o passaporte para regressar. Contudo por uma artimanha montada por seu amigo **Moacir Gadotti**, que há um ano havia retornado de Genebra, Paulo Freire pôde fazer, clandestinamente (por telefone), a abertura do *I seminário de Educação Brasileira*, realizado em novembro daquele ano em Campinas. Era a primeira

vez que os educadores se reuniam livremente depois do início da ditadura militar (1964). Eis as palavras emocionadas de Paulo Freire, transcritas de uma fita gravada na época:

“ eu gostaria de dizer aos companheiros, aos amigos que estão aí, agora, no seminário de educação Brasileira, da minha emoção imensa, fantástica, que me toma, de estar falando aos professores brasileiros, aos educadores brasileiros, do apartamento em que vivo, aqui em Genebra, cercado de meus filhos e de quatro grandes amigos brasileiros que, por coincidência, encontram-se ente nós.

É uma alegria enorme me servir da possibilidade que a tecnologia me coloca à disposição, hoje, de gravar de tão longe de vocês, essa palavra que não pode ser outra senão uma palavra afetiva, uma palavra de amor, uma palavra de carinho, uma palavra de confiança, de esperança e de saudade também, saudade imensa, grandona, saudades do Brasil, desse Brasil gostoso, desse Brasil de nós todos, desse Brasil cheiroso, distante do qual estamos há catorze anos, mas, distante do qual nunca estivemos também.

Evidentemente, no momento, quando o professor Gadotti, meu querido amigo, com quem convivi aqui em Genebra, me pede que eu diga alguma coisa, é claro que vocês não podem esperar de mim uma reflexão pedagógica, política, epistemológica. Seria falso. Seria inviável para mim agora pensar criticamente, refletir sobre a pedagogia brasileira, sobre os desafios que nós temos.

Eu confesso que não poderia fazer isso. Mas também não pude negar ao professor Gadotti de mandar esse recado por telefone e lamentar não poder

estar a[í] com vocês nesse momento em que se realiza o Seminário de Educação brasileira, Eu só não estou aí porque, afinal de contas, eu não tenho um passaporte. Faz catorze anos que eu peço este passaporte e esse passaporte não me foi dado. Nem o “ ficaporte “ , quer dizer, extravagante passaporte dentro do qual se escreve que ele é válido só para cidade onde a pessoa mora, como o “ ficaporte “ que deram para minha mulher. Nem esse eu tenho. É por isso que eu não estou aí, mas espero que um dia tenha p “ passaporte “ e aí eu voltarei ao Brasil para abraçá-los e para dizer mais uma vez o quanto brasileiro eu sou, o quanto brasileiro tenho continuado a ser apesar da distância em que estamos no tempo e no espaço.

Meu grande abraço para vocês e que o Seminário seja um êxito para todos, para o povo brasileiro e para o futuro da educação nacional”.

ÚLTIMA CARTA DE SUA MÃE

Meu querido filho, queridíssimo filho.

Deus abençoe a todos.

Recebi seu cartão de 19 de setembro. Perdão, meu filho, por não lhe haver escrito naquele dia, dia tão feliz de seu aniversário. Lembrei-me o dia todo, mas não podia escrever, somente pedia ao bom Jesus pela sua saúde e felicidade de sua família, que é o que pode causar maior felicidade. Estava doente mesmo. Stela vai lhe escrever depois, ela e todos enviam abraços de aniversário e sua afilhada, especialmente, lhe pede a bênção. A sua afilhada, filha de Sílvia, há um ano está doente, agora é que está melhor e teve licença de estudar, é também uma menina divina. Como estão todos? E

meus netos? A todos as minhas lembranças. Meu filho não posso escrever mais. Beijos de sua mãe, **Tudinha**, 28.09.1976

SER PARA OS OUTROS E SER PARA SI MESMO

Para Paulo Freire não é possível definir uma teoria para a educação sem primeiro definir uma teoria para o ser humano. Sendo assim, também não é possível educar sem uma antropologia. Para ele existem duas teorias para o ser humano, sintetizadas na dicotomia: o ser humano como ser que se adapta ao mundo e o ser humano feito para transformar o mundo. Freire pensa que quando as condições existentes criam homens e mulheres como objetos - " seres para os outros " - os seres humanos como sujeitos - " seres para si mesmos "- criados assim, são falsos sujeitos, porque existe uma premissa básica da sua teoria que é a de que a essência do ser humano está ligada ao ser com o outro. Ninguém existe por si mesmo. Na definição de Paulo Freire, o ser humano é um ser inacabado e consciente de seu inacabamento, portanto, um ser em constante busca, busca que implica um sujeito, um ponto de partida e um objetivo. O sujeito da busca é o próprio homem. Quando o direito de buscar de cada indivíduo não é tolerado, ele torna-se objeto. Como nós vivemos num certo tempo e espaço, o ponto de partida deve ser não só a pessoa, mas também o mundo.

O objetivo de cada indivíduo não pode ser alcançado solitariamente, mas em comunhão com os outros.

Alma Flor Ada, São Francisco. EUA

MORRI DE INVEJA

Pedagogia do Oprimido marcou a maioria da pedagogia brasileira. Levou ao mundo, muitíssimas línguas, um pensamento educacional muito nosso, remarcado pelo mais agudo sentido de responsabilidade social. Morri de inveja quando vi numa livraria de Nova York um montão de livros do Paulo ao lado de um montinho do meu *O processo civilizatório*.

Darcy Ribeiro, antropólogo, senador.

PAULO FREIRE E OS COMPUTADORES

Paulo Freire foi um pioneiro no Brasil na utilização dos meios de comunicação social. A utilização de slides, do cinema, teatro, vídeo e televisão faz parte essencial de seu método de alfabetização de adultos. A sua opinião em relação ao uso da informática não poderia ser diferente. O que ele sempre sublinha, contudo, é que as poderosas ferramentas de trabalho da telemática, estão ainda restritas a um público muito pequeno; ainda não foram democratizados, aumentando a distância existente entre os jovens das classes populares e os jovens das classes médias e alta.

Para se entender melhor as conseqüências que poderíamos tirar da relação entre o pensamento de Paulo Freire e o uso dos computadores, seria necessário aprofundar alguns níveis de compreensão do tema.

Em primeiro lugar será preciso captar pelo menos o vislumbre da realidade social como totalidade, tendo o uso problemático dos computadores em educação como objeto especial. Na área da educação, a pedagogia de Freire é descrita como um trabalho libertador e problematizador. Representa

uma correlação horizontal onde educadores e educandos são igualmente autorizados a fazerem perguntas e darem respostas. O traço característico desse método repousa no diálogo que representa um grande desafio inerente à própria forma de programação dos computadores.

Em segundo lugar será preciso ter cuidado com as forças que põem em movimento a instalação e aplicação das novas tecnologias e da mídia em educação. São entendidos na perspectiva de aceleração da produção e transferências de bens e serviços com um crescente grau de controle automatizado, baseado na hierarquia. Ora, o que se opõe às metas da pedagogia freireana é a organização vertical do mundo material e formal bem como suas influências diretas e indiretas no setor cultural. Dessa forma, não dialógica, os conteúdos chegam aos estudantes e às pessoas em geral como algo a ser estocado (pedagogia “ bancária “) e não como questão a ser resolvida pelo sujeito que utiliza os computadores.

Werner E. Breede, professor da Universidade Livre de Berlin- Charlottenburg,

17 de agosto de 1987.

NOVOS CAMINHOS PARA O PENSAMENTO

Livros são como mapas. Alguns, como aqueles que usamos ao planejar uma viagem, nos contam de terras que outros já visitaram, marcam rios e montanhas que outros já viram, indicam as estradas asfaltadas que a multidão apressada toma para chegar rápido ao destino, e os caminhos sinuosos para aqueles que estão mais interessados na travessia que no chegar lá. Outros mapas são como aqueles que se produziam na época das grandes

navegações, que apontam para terras obscuras que existem mais no sonho que no conhecimento - mapas proféticos que abrem caminhos inexplorados e convidam o viajante a sair das seguras rotas conhecidas e a se aventurar por regiões que outros nunca visitaram.

Paulo Freire fez isso: sugeriu caminhos novos para o pensamento. Mostrou a circularidade dos caminhos velhos da educação, pelos quais se caminhava sem nunca se sair do lugar. Equívocos? Muitos. Que profeta não se equivoca? Mas, como dizia Nietzsche, os erros dos grandes homens são mais frutíferos que os acertos dos pequenos.

A obra de Paulo Freire foi isto: semente frutífera que vai morrendo e se transformando como exigência da própria vida que vai explodindo os limites que aprisionam,. Sendo conhecimento do mundo, tal como é, é muito mais do que isso: revelação de um outro mundo que permanece aberto a todos aqueles que tiverem coragem para entrar nos mares desconhecidos e sedutores para os quais ela aponta. Obra que permanecerá para sempre inacabada, pois isto pertence a sua própria essência : o fascínio permanente ante os espaços que a liberdade não permite que se fechem, jamais. Ter entendido Paulo Freire é estar sempre pronto para partir...

Rubem Alves, Professor da Universidade de Campinas.

ALGUNS DOS ARTIGOS ESCRITOS EM REVISTAS E JORNAIS

SOBRE PAULO FREIRE

PAULO FREIRE EM ESTOCOLMO

O notável pedagogo e presidente do conselho de educação de adultos da América Latina (CEAAL), o brasileiro Paulo Freire, pronunciou-se por uma educação com perspectivas democráticas na América Latina. O trabalho educativo deve ter esse conteúdo, insistindo na necessidade de uma análise permanente da prática para evitar cair em posições subjetivas, idealistas e cometer erros." Eu, constantemente me questiono sobre a educação, porque a educação deve ter um enfoque dialético, tudo é contraditório, tudo é dialético," explicou. Ele disse que dedica muito tempo aos educadores de seu país que desenvolvem a educação em áreas populares. As grandes massas populares estão em silêncio. Freire assinalava que o Brasil e também na América Latina, existe uma grande carga de autoritarismo . As coisas se determinam a partir de cima e as grandes massas populares permanecem em silêncio .Para a mudança , necessita-se exercitar a democracia. "Temos que realizar esforço a sérios entre as massas populares. Este é o trabalho da educação popular. A democracia não é um exercício intelectual; a democracia se constrói com o povo", destacava o grande mestre Paulo Freire. A sala Z da ABF, de Estocolmo, estava repleta de público, muita gente ficou de fora da sala. Com a participação de outro destacado professor brasileiro, Moacir Gadotti, prosseguiu-se um profundo debate sobre "educação e democracia"

(Silvio Grande Rosa, jornal Liberation, Paris, 12 de outubro de 1987, p. 24)

APRENDER EM CONDIÇÕES ADVERSAS

Até que ponto a relembração de fatos da vida de Paulo Freire pode interessar para uma reflexão sobre problemas da educação? Esta pergunta feita pelo pedagogo Sérgio Guimarães, que assume a postura de entrevistador no livro aprendendo com a própria história, é respondida por ele mesmo no cap. 5. Guimarães afirma que o conhecimento dos momentos passados são um recurso que o leitor deve utilizar para melhor as idéias e o contexto humano, social e histórico em que a pessoa que as formulou estava inserida.

A partir dessa reflexão, o pedagogo Paulo Freire fornece uma pista sobre os motivos deste livro, que, na prática, não acrescenta nada de novo a suas idéias. Ele é apenas uma longa entrevista sobre o passado de Freire. No entanto, sob a ótica do educador, o livro é mais do que isso. Para Paulo Freire, a educação não existe assim que mereça ser debatida em livros, mas que ela adquira importância na medida em que seu trabalho se deu numa prática social de que participou.' Tenho a impressão de que falar um pouco das experiências que tive após o golpe de estado, no exílio, tem a ver com a educação, na medida em que foi o próprio trabalho político pedagógico meu anterior ao golpe que provocou o exílio", afirma em seu depoimento.

O que pode parecer, uma repetição de outros livros e de velhos conceitos do autor da Pedagogia do Oprimido passa a ser uma aula prática sobre transformação política e seus efeitos sobre o indivíduo e a sociedade. Portanto funciona de maneira coerente com os princípios que norteiam as campanhas de alfabetização orientadas pelo educador.

Ao falar de seu método, conhecido como método Paulo freire, o educador não se cansa de repetir que o trabalho de alfabetização deve pôr em permanente dinâmica de ação e leitura do mundo e da palavra. E que os dois funcionam de maneira concomitante. Nesse sentido, Paulo Freire também transmite uma conclusão "libertadora", baseada no aprendizado de sua realidade na prisão e no exílio. Principalmente ao relatar com Clodomir Moraes, preso como ele em Recife, logo após o golpe de 1964, e merecedor de sua admiração pela posição humana política que adotou na cadeia. Segundo Paulo Freire, é possível aprender e educar nas condições adversas: Se a minha prática era de preso, eu tinha que aprender era dela mesmo. Sem querer bem a ela, mas tinha que aprender".

(Martha San Juan França. In folha de S. Paulo, 24.05.1987)

SEM VERGONHA DE SER PROFESSOR

Willian B. Kennedy :Nos seus escritos você freqüentemente usa as expressões "educando-educador", e você critica o que chama de educação bancária. Mas você é professor...

Paulo Freire: Não existe nada que me envergonhe de ser um professor. Eu sou um professor. Ensinar é absolutamente fundamental. Para mim, a questão é como ser um professor que facilita o saber dos educandos, aos estudantes. Em outras palavras, como ensinar sem impor aos estudantes nosso próprio conhecimento, nossas opções políticas e ideológicas. Mas também sem omiti-las. Eu não tenho ocultado minhas opções aos estudantes, Mas eu também respeito as opções deles. Se nós entendemos que ensinar

não é uma experiência de dar conhecimentos aos outros nem para que eles apoderem do conhecimento que é de todos, para mim, esta é uma tarefa permanente em toda a história da humanidade.

Há um certo momento em que também os professores "facilitadores" tem que ensinar alguma coisa. Se eles não fazem isto, o processo de engajamento com o ato de conhecer pára. Epistemologicamente, é impossível conhecer sem informações .Há um momento no processo de conhecimento no qual o sujeito cognitivo precisa de um segundo tipo de informação. Precisamente neste momento em que a informação é demandada, os facilitadores tem que ensinar porque eles tem que tornar possível a informação .Para mim o problema é saber que sou professor democrático ou um professor autoritário. Esta é a questão, para mim. Não parar de ser um professor.

(In : Religious Education, vol.79, n.º 4, final de 1984, pp.520-521)

ACLARANDO SUAS IDÉIAS A CADA NOVO LIVRO

Para muitos educadores latino-americanos, preocupados com alto nível de analfabetismo e a impenetrabilidade de certos métodos, ele é um **mito**. Para seus críticos mais superficiais , incapazes de apontar discrepâncias pertinentes, ele é apenas um bem amado agente socialista, com um poder de fogo imbatível: a educação essa arma sabiamente política. No princípio de 1985, Paulo Freire se encontrou com o Ministro da Educação, Marco Maciel, estudante da Universidade de Pernambuco, na mesma época em que outro era professor da Escola de Filosofia. Objetivo: dar alguns conselhos sobre o assunto ao qual tem dedicado toda uma existência, nos mais diferentes

âmbitos. Em as utopias da educação, um ensaio sobre as propostas de Paulo Freire, Diana A. Cunha revisa os caminhos do educador. O último capítulo em que compara a Ivan Illich e Pierre Furter, chega à conclusão de que os três tem em comum a importância que atribuem à educação como prática social. Há no livro de Diana muito do “andarilho óbvio”, do descobridor de uma espécie de ovo de Colombo: para se alfabetizar o adulto, é preciso primeiro ensiná-lo a pensar em seus próprios termos. Em por uma pedagogia da pergunta, Antonio Faundez, que veio a ficar no lugar antes por ele ocupado no programa de Educação de Adultos no conselho Mundial de Igrejas, em Genebra- é o interlocutor perfeito. Filósofo exilado depois da queda de Allende, Faundez não hesita em fazer duras críticas e levar Freire a formular, explicitar seus conceitos, “Se mantemos esse diálogo é porque somos iguais e diferente a um só tempo,” diz Faundez. A conversa flui, instiga, o discípulo provoca o mestre e o resultado é uma leitura enriquecedora. “Muitas das críticas que lhe fizeram são injustas, no sentido de que não se considerou seu trabalho como um processo, mas como um resultado” comenta o chileno a dada altura. A apreciação procede.

A cada novo livro Paulo Freire, como **eterno aprendiz**, vem aclarando suas idéias anteriores, Paulo em Por uma pedagogia da pergunta, mostra-se ainda em pleno processo de aprendizagem pois, como afirma” há uma radicalidade na existência que é a radicalidade do ato de perguntar... quando uma pessoa perde a capacidade de assombrar-se se burocratiza”.

(Vivian Wyler, Rio de Janeiro, jornal do Brasil, 27 de julho de 1985)

O PROFESSOR COMO ARTISTA

Ira Shor, educador norte-americano, pergunta: Eu gostaria que você fizesse algumas considerações sobre a relação entre a educação e a arte, sobre o papel da arte no ensino transformador.

Paulo Freire- O que faz da educação uma arte é precisamente quando a educação é também um ato de conhecer. Para mim, conhecer é alguma coisa bonita. A amplitude do ato de conhecer é desvelar um objeto , o desvelar dá vida ao objeto. Esta é uma tarefa artística porque nosso conhecimento tem uma dada qualidade de vida , cria muita coisas que participam da natureza estética do ato de conhecer e de formar. Gestos entonações de voz , o caminhar na sala de aula, poses. Nós podemos fazer todas essas coisas sem estarmos conscientes todo o tempo do seu papel estético, do seu impacto sobre a formação dos estudantes através do ensino. O que eu penso é que a natureza estética da educação não significa que o tempo todo nós fazemos isto de forma explícita e consciente. Eu penso que no momento que você entra na sala de aula, no momento em que você diz aos estudantes, Oi! Como vão vocês? você inicia uma relação estética, isto é porque você é um educador que tem uma estratégia e um papel diretivo na pedagogia libertadora. Então, a educação é simultaneamente uma certa teoria do conhecimento entrando na prática, um ato político e estético. Essas três dimensões estão sempre juntas, há simultâneos momentos de teoria e prática, arte e política, o ato de conhecer é criar e recriar objetos e isto é formar os estudantes que estão conhecendo. eu penso, então, se o educadores esclarece cada vez mais sobre estas características do ensino, ele ou ela podem desenvolver a eficácia da

pedagogia. Conhecendo claramente a natureza necessariamente política e artística da educação , o professor se tornará um político melhor e um artista melhor. Nós fazemos arte e política quando nos ajudamos na formação dos estudantes, sabendo disso ou não. Conhecer o que de fato fazemos, nos ajudará a sermos melhores.

(*Journal of Education, Boston University*, vol 169, nº 3, 1987, pp.30-31)

COMPREENSÃO MÁGICA DA PALAVRA ESCRITA

Ezequiel Theodoro da Silva, professor da Universidade de Campinas e presidente da ALB (Associação de Leitura do Brasil) pergunta: Paulo, você poderia com base na sua vontade e ao saber deste momento, expressar alguns tópicos significativos de sua experiência na área da leitura, que possam também ser significativos àqueles que ensinam leitura ?

Paulo Freire - Na verdade, parte desta pergunta eu me faço muito constantemente. Eu sempre levei muito a sério a leitura para mim. As vezes eu tenho a impressão, Ezequiel, de que eu sou compreendido bem quando, por exemplo, eu critico o que eu costumo chamar de “compreensão mágica da palavra escrita” e que se expressa através de atitudes nossas, intelectuais, diante de livros, de textos para ler e de textos para escrever. Por exemplo, o aspecto mágico da palavra que se expressa na leitura quantitativa: quanto mais livro eu compro, quanto mais livro eu olho eu penso que estou lendo, tanto mais estou sabendo. Ou então eu critico o mesmo caráter mágico ou compreensão mágica da palavra escrita, quando eu tenho de escrever, por exemplo, e me preocupo se o texto que estou escrevendo vai ter 150 páginas

e eu sou capaz de escrever só 10 . Morro de vergonha- o que é que os meus companheiros de academia vão dizer se aparece um artigo meu com 10 páginas...Bem,eu gostaria de dizer que quando eu faço essa crítica, ela é muito mais uma advertência a mim também, mas essa crítica não significa, de maneira nenhuma, que haja nela uma espécie assim de repouso na irresponsabilidade; quer dizer, uma espécie de fuga da realidade. Não eu acho que tantos os estudantes quanto nós, os professores, temos de ler mesmo, termos de ler seriamente, mas ler, isto é, temos de nos adentrar nos textos, compreendendo-os na sua relação dialética como seus contextos e o nosso

contexto. O contexto do escritor e o contexto do leitor, quando eu leio um texto.

(Rev. Leitura: Teoria & Prática, ano 1, nº zero, novembro de 1982,pp 3-4)

A CLASSE NA ANÁLISE SOCIAL DA REALIDADE

Donaldo Macedo, professor da Universidade de Massachusetts, pergunta: a obra de Albert Memmi, "o racismo é parte do colonialismo em todo o mundo: e não é coincidência. O racismo resume e simboliza a relação fundamental que une colonizadores e colonizados. "Paulo, precisamos, contudo, entender o que aconteceu com o papel da raça depois que os colonialistas foram vencidos e expulsos dos países colonizados.

Paulo Freire: Precisamos entender como a cultura é atravessada pela raça, gênero , classe, etnicidade e linguagens. Na reconstrução pós-independência das nações africanas, onde a população é formada majorieariamente por

negros, outros fatores podem jogar um papel mais significativo. Por exemplo, tomemos o caso de Guiné-Bissau, com seu múltiplos grupos étnicos, culturais e linguísticos. O grande desafio depois da independência foi como tentar reconciliar as históricas especificidades dessas diferenças e construir com sucesso a unidade nacional. Neste contexto, não podemos subestimar o papel da classe. Veja Donald. Para aqueles que trabalham em movimentos antiparasitas e anti-semita as coisas parecem não ter mudado muito. É verdade, muitos negros nesses países, podem estar fazendo a política dos brancos de classe média. Por isso é importante colocar o papel da classe na análise social. Você lembra da discussão que tivemos em Boston com minha mulher Nitra e uma amiga afro-americana que é uma colega professora que não aceitava a classe como um fator significativo na análise social da realidade Afro-africana. Você lembra que nós tentamos mostrar a ela que não se pode reduzir a análise do racismo à classe social e nem tampouco se pode entender o racismo à de classe. Fazer uma coisa sem a outra é cair no sectarismo que é tão desprezível quanto o racismo.

(Harvard Educational Review, vol 65 nº 3, final de 1995, pp. 400-401)

RESPEITO AO SABER DO SENSO COMUM

Neidson Rodrigues, Diretor da Faculdades de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, pergunta: O que permaneceu e o que se modificou no homem de ação e no intelectual Paulo Freire, ao longo dos últimos 30 anos?

Paulo Freire- Tenho medo de, ao responder a essa pergunta, ficar aparentemente, pouco humilde, porque se eu disse: Olha, eu venho mais é me radicalizando”, parece que a gente fez tantas coisas mais ou menos boas, há 30 anos, que não achou que devesse mudá-las, apenas radicalizá-las, que é uma forma de ajuntar algum tempero novo. Posso traduzir isso num discurso mais claro. Uma coisa que continua em mim, como pessoa e como educador ,que pensando a prática educativa quer fazendo a prática educativa, é um profundo respeito à figura do educando , ao gosto do educando e a formação do educando. Sou tão intransigente com isso que, toda vez que alguém usa a palavra treinar, eu critico e contraponho a palavra formar. Continua em mim o respeito intenso à experiência e à identidade cultural dos educandos. Isso implica uma identidade de classe dos educandos. E um grande respeito, também, pelo saber “só de experiência feito”, como diz Camões, que é exatamente o saber do senso comum .discordo dos pensadores que menosprezam o senso comum, como se o mundo tivesse partido da rigorosidade³ do conhecimento científico. De jeito nenhum! Rigoriedade chegou depois. A gente começa com no que chamo de curiosidade³ epistemológica.Ao inventar métodos rigorosos de aproximação do sujeito ao objeto que ele busca conhecer. **(Revista Presença Pedagógica, Belo Horizonte, ano 1 nº 1, jan.fev.1995, pp.5-6)**

ENTREVISTA COM PAULO FREIRE - OUTUBRO DE 1996

O nosso grupo teve uma oportunidade e um momento muito especial desses que acontece raramente, pudemos conversar durante mais ou menos 1 hora com o professor Paulo Freire em sua casa.

Enquanto esperávamos o professor terminar de redigir um fax, observamos que em suas estantes repletas de livros seus e de outros autores havia publicações de seus livros em vários idiomas inclusive em japonês e essa foi uma das indagações que fizemos a ele.

Vamos tentar passar para o papel a nossa conversa com o professor Paulo Freire.

Ele nós falou da importância da ética e que essa está cada vez mais escassa entre os profissionais inclusive entre nós educadores, afinal estamos vivendo num mundo globalizado e consumidor não olhamos mais para o lado para ver o que está ocorrendo ao nosso redor, passamos direto sobre as coisas e pessoas e achamos normal perdemos a noção dos sentimentos e estamos nos tornando cada vez mais egoístas.

O professor falou que não critica as professoras que preferem trabalhar com as crianças ricas e bem cuidadas, porém acha inadmissível as que trabalham com crianças pobres e não gostam e criticam seus cheiros, onde está a ética profissional dessas educadoras?

Ele contou um pouco sobre a sua vida, que foi constituída por uma pobreza e ao mesmo tempo com muito amor e respeito de seu pai, e foi esse respeito que recebeu de seu pai que o fez lutar para que todas as pessoas,

principalmente as mais carentes tivessem direito ao respeito e a valorização enquanto ser humano.

Seu pai pertencia a religião espírita e a sua mãe a católica ,e quando Paulo Freire decidiu fazer 1ª comunhão e foi comunicar ao seu pai a sua decisão ,foi abraçado pelo pai e ele disse ao filho que mesmo não freqüentando a igreja naquele domingo estaria lá, porque era importante para o filho. Esse fato foi muito importante e marcante para Paulo Freire como ele mesmo nos disse, pois foi nesse ambiente de harmonia e respeito que fez com que ele tivesse essa base para construir e lutar pelos seus ideais.

Outro diálogo muito interessante foi sobre a **raiva**, ou seja ele disse que para ele ou qualquer outra pessoa tenha força para lutar e acreditar em seus ideais se faz necessário que se tenha raiva, mas não no sentido pejorativo e sim num sentido de força ,de esperança enfim de credibilidade e é essa raiva que o faz se manter lutando pelos seu ideais.

Estava na Grécia fazendo uma conferência, e ao sair do hotel onde ministrou a palestra um vendedor ambulante o parou e perguntou em inglês se ele era o Professor Paulo Freire e que o tinha visto na televisão, ao receber a confirmação abraçou e agradeceu, dizendo que ele também era muito importante para o seu povo.

Esse fato nós mostra que o homem é homem em qualquer lugar do mundo e que busca a mesma coisa seja qual for a sua nacionalidade, ele busca o **RESPEITO** e a valorização enquanto ser humano ,quer ser respeitado.

Outros fatos como esse ocorreram em sua vida, na Inglaterra, França, e outros tantos países pelo qual já passou, hoje em dia são feitas conferências Freireanas em várias universidades do mundo, desde os Estados Unidos até a Malásia.

Disse que não teria o direito de não nos receber, porque é essencial ser humilde e que ele não tem o direito de negar conhecimento de quem o procura, mostrando assim o quanto Paulo Freire é especial enquanto professor e principalmente como ser humano.

Seus livros já foram editados em mais de 30 idiomas ,ele é o único educador brasileiro que encontramos nas livrarias dos E.U.A., Europa, Oriente, e outros, mas como ele mesmo disse isso não o dá o direito de se sentir BESTA , no sentido de convencimento, ele diz que se sente extremamente feliz por ver que seus idéias puderam se tornar reais.

Acredita que o professor pode realmente mudar o mundo, basta acreditar verdadeiramente no que faz, mas essa luta não é fácil pelo contrário é difícil e dolorosa e não se faz sozinha , mas é possível mudar, como ele mesmo disse se não acreditasse nesse poder do educador já teria desistido de lutar.

Aos seu 75 anos Paulo Freire continua acreditando e lutando para colocar em prática toda a sua ideologia ,sem medo de dizer e de sentir o que quer ,isso é fantástico e nos dá a coragem de enfrentar de corpo e alma esse mundo fantástico da EDUCAÇÃO , pois é através dela que vamos modificar as coisas.

Saímos da casa do professor Paulo Freire com a certeza de que se acreditarmos e lutarmos com dedicação e ética podemos realmente mudar o mundo, nem que não seja todo ele mas pelo menos um pouco dele.

FAZENDO AS PAZES COM A HISTÓRIA

Um dos últimos momentos de suma importância na vida do Professor Paulo Freire, foi a sua presença no VI Simpósio de Educação da Universidade Mackenzie, no dia 10 de abril de 1997, à convite das alunas e alunos do curso de Pedagogia, para ministrar a palestra com o tema: "A ética na formação dos professores".

A acolhida do Prof. Paulo Freire ao convite feito foi de uma total disponibilidade. Contudo, no dia oficializado, no percurso que fizemos com ele de sua residência até a Universidade Mackenzie, ele pareceu-nos, um pouco apreensivo - o que seria natural para alguém que trazia em si um peso grande de uma história que lhe foi muito dura, cruel, injusta, porém necessária para que o desenvolvimento de sua obra acontecesse - pareceu-nos que todo o peso histórico de um passado recaia novamente sobre sua cabeça.

Sua recepção no Mackenzie foi feita por toda a diretoria da Instituição e da unidade responsável pelo evento, no caso, a FLEP - Faculdade de Letras, Educação e Psicologia - bem como por todas as alunas e alunos do curso de Pedagogia.

O clima de emoção foi muito envolvente, pois este acontecimento estava marcando, por assim dizer, uma nova fase na história desta Universidade - como afirmou o próprio Presidente do Instituto Mackenzie, ao dirigir-se ao Professor Paulo Freire. Parecia-nos que uma barreira estava sendo quebrada de ambos os lados, que uma nova aliança estava sendo firmada naquele momento.

Ao retornarmos para sua casa depois do evento, o Professor Paulo Freire conversou abertamente conosco no carro, dizendo: "Eu amo profundamente a história (...) pensar que em 1963, fui recebido nesta Universidade com um batalhão de choque (...), recebi o recado que eu pagaria muito caro por cada palavra que dissesse". Nos emocionamos com sua fala e lhe perguntamos: "Professor, e se o senhor tivesse colocado resistências ao nosso convite?", mais forte bateu o coração, cheio de emoção quando ele nos respondeu: "Eu teria perdido a oportunidade de ser muito feliz..."

Essas palavras do Professor Paulo Freire nos convencem de que a história não é feita de determinismo, mas de possibilidades; de que nas suas idas e vindas, ela mesma, se encarrega de reconstruir o seu processo e de refazer relações que, em primeira instância, parecia-nos impossíveis; de reconhecer, humildemente, sua realidade num determinado contexto sócio-histórico e ter a coragem de assumir diferentes posições em virtude de um presente único e irrepetível.

A seguir, transcrevemos as sábias palavras do Professor Paulo Freire no VI Simpósio de Educação da Universidade Mackenzie:

Prof. Paulo Freire: Eu me dirijo agora a todos e a todas da mesa; os do outro lado; os que representam a própria vida desta casa; os que estão com alta responsabilidade de dirigi-la, de mantê-la viva e aqueles, sem os quais e sem as quais não seria possível a preservação da vida, os estudantes, as estudantes, professores e professoras.

A impressão que tenho é que esse livrinho, *Pedagogia da Autonomia*, que saiu há um mês, que vai ser hoje lançado oficialmente, vai ter um pouco de presença entre nós, porque é interessante, vocês são hoje a primeira oportunidade que eu tenho no Brasil de falar sobre este livrinho, sobre aspectos deste livrinho (...), e a alegria que eu tive lá (há pouco tempo nos Estados Unidos), com um auditório que havia vozes brasileiras estudantes de doutoramento de mestrado, mas a grande maioria Norte Americana e Asiática, é a alegria com que estou aqui agora. Falar sobre determinados aspectos mesmo quando estou um pouco cansado é sempre para mim uma razão de vida; encontro força, mesmo cansado, quando penso, quando falo, quando discuto, quando escrevo sobre educação. Isso é o que faço realmente, talvez até seja, além de fritar ovos, de fazer café e de lavar pratos, a coisa que melhor sei fazer.

Vocês me pedem aqui, segundo o documento oficial pra falar um pouco sobre ética e educação, que é um dos temas centrais do livrinho. É uma preocupação que eu carrego comigo desde há muito tempo, mas faz algum tempo em que eu insisto com este tema como uma necessidade básica, fundamental para o nosso trabalho de professoras e professores.

Eu gostaria antes, e isso é uma forma que me caracteriza como estudante, é de que perguntado eu nunca vou diretamente ao centro da pergunta mas eu me posiciono em frente a pergunta, delimito o tema contido na pergunta e depois faço uma coisa que eu chamo de cerco epistemológico do objeto, quer dizer: um tema afinal, na busca, na pergunta, na indagação, na curiosidade e a minha resposta é a expressão de um tratamento que a gente chama de

tratamento epistemológico do objeto. É a busca da compreensão do objeto sobre o que se indaga; é a procura, tanto quanto possível, do que a gente pode chamar, dentro do ponto de vista de uma teoria do conhecimento, o saber cabal do objeto.

Sempre que sou perguntado, ou quando eu também me pergunto eu exercito a minha curiosidade no que eu chamo o cerco epistemológico do objeto. Eu procuro me aproximar do objeto através de momentos ou através de instâncias que me levam finalmente a ele.

Agora, por exemplo, quando eu me pergunto com vocês em torno das relações ou da natureza ética da prática educativa, eu vou tentar este mesmo cerco, e um dos momentos deste cerco implica na reflexão crítica sobre nós, mulheres e homens, enquanto seres vivos, seres históricos e sociais, enquanto seres inacabados.

Evidentemente que quando a gente fala num ser inacabado, ou inconcluso, a gente está falando em um ser que por natureza tem limites que ele não supera por si mesmo - um ser que não se basta. Assim, o inacabamento faz parte do mundo natural. Todo ser vivo que se experimenta como tal tem a característica do inacabamento. Neste sentido é tão inacabada quanto a nós a árvore que está no quintal, os outros animais.

Nós mulheres e homens, ao longo da longa história em que nos fizemos, em que nos estamos fazendo, conseguimos dar um passo definitivo além da mangueira, além da jaqueira, um passo decisivo: ganhar a consciência do inacabamento. Somos tão inacabados quanto as árvores mas nós temos uma desvantagem ou uma vantagem sobre elas, é que nós nos sabemos

inacabados. Então o passo que teríamos, necessariamente que dar ao ganhar a possibilidade de nos saber inconclusos é, exatamente uma certa disponibilidade permanente à inserção num processo de busca ou de curiosidade. No nosso nível a curiosidade tem outros impulsos, tem possibilidades que a curiosidade, puramente animal não tem, a curiosidade é em si conhecimento entre nós, que produz conhecimento.

Exatamente na medida em que inconclusos nos tornamos competente para saber que somos inconclusos, saber que não sabemos ou saber que sabemos. Esse dado é de uma imensa importância; ao saber que sabemos nos preparamos para saber que não sabemos e ao saber que não sabemos nos preparamos para saber que podemos: primeiro, saber melhor o que já sabemos; segundo, saber o que ainda não sabemos, quer dizer, nos tornarmos capazes de produzir um conhecimento ainda não existente.

Ao lado dessa competência que se deu na história, não há dúvida de que na busca permanente em que nos encontramos, terminamos por descobrir que não é apenas possível a nós conhecer, mas é sobretudo possível intervir no mundo, intervir na realidade, e é exatamente intervindo na realidade que somos capazes de saber o que produzimos na intervenção.

No livro do Gênesis há uma afirmação que me parece de uma importância história, política, epistemológica enorme que é: "darás nome as coisas". É que na verdade nós damos nomes as coisas que fazemos e não damos nomes antes das coisas serem feitas. Nós nomeamos o mundo que mudamos, que transformamos. Essa é uma expressões de que mais eu gosto por causa de

que gosto de ser gente. Transformar é possível mesmo que seja muito difícil. A dificuldade existe mas a possibilidade de mudar está aí, ou está conosco.

Uma outra coisa que nessa busca, que neste cerco que estou tentando realizar vem à nossa reflexão é a de que falando, e falando concomitantemente com intervindo no mundo, nós vamos nos tornando capazes de nomear o mundo, as coisas que fizemos com o mundo e ao lado disso nos tornamos capazes de desenvolver uma outra competência que eu acho fantástica que é a competência de entender o mundo, de entender a realidade, quer dizer, nós somos capazes de compreender o mundo que nos cerca, em que estamos, não importa de compreender bem ou mal, compreender erradamente, compreender com certo acerto, compreender deficientemente, não importa. Nos tornamos capazes de uma compreensão do mundo, de uma compreensão da realidade, que pode ser uma compreensão ingênua, como pode ser uma compreensão crítica; uma compreensão fundada apenas no senso comum, uma compreensão fundada na rigorosidade científica; não importa, o que importa é que centralmente, nós nos tornamos capazes de entender o mundo e precisamente porque nos tornamos capazes de entender o mundo, nós produzimos, simultaneamente, a capacidade de comunicar o entendido, quer dizer, não há inteligência do mundo sem comunicabilidade do entendido, o homem e a mulher somos, além de seres inconclusos, conscientes da inconclusão históricos, nós somos seres inteligentes e comunicadores da compreensão inteligente que fazemos da realidade. Não há então inteligibilidade sem comunicabilidade. Obviamente, estamos vendo hoje, com as revoluções tecnológicas, um momento

fundamental da comunicação. (...) Amanhã nós teremos uma coisa que ultrapassa possivelmente alguns momentos da tecnologia, da comunicação de hoje. Mas sobre o que eu quero chamar a atenção é que a comunicação implica uma certa compreensão do mundo, a comunicação implica a produção de uma nova compreensão do mundo, não há comunicação que exista sem uma inteligência do mundo, e toda inteligência do mundo gera necessariamente a possibilidade da comunicação sobre a inteligência do mundo. A inteligência não é ainda a comunicabilidade mas ela gera a comunicabilidade sobre a inteligência do mundo.

Outro aspecto que está ligado a esta questão da inconclusão que se conhece inconclusa, da ingerência do mundo, da linguagem, a fabricação, a produção social da linguagem, é a capacidade que homens e mulheres histórica e socialmente criaram de comparar.

A gente compara. E quando a gente compara e porque a gente compara, a gente elege, e porque a gente elege, a gente decide com quem fica, e porque a gente decide com quem fica a gente rompe com quem não fica. Veja bem, quando eu digo rompe, não quero dizer necessariamente que a gente deixa de dar bom dia, que a gente mata o sujeito, isso são os casos extremos da ruptura e que 99% não são necessários, são rupturas também éticas. Mas o que eu quero dizer é que no sentido mais amplo possível toda escolha leva a uma ruptura que é exatamente a decisão. Não há decisão sem ruptura. E é por isso que decidir não é fácil, decidir é difícil e talvez porque não seja fácil, pais, mães, professores, professoras evitam um pouco o momento da decisão e inclusive preferem impor aos meninos uma decisão que, sendo

sua eles ocultam ainda a realidade que quer, que é o melhor, fica uma coisa sem sujeito. Eu acho que aí agora num parêntese eu diria que precisamente porque não há decisão sem responsabilidade, não há responsabilidade que não possa ou que não deva ser assumida pelo responsável. Eu acho que uma das coisas fundamentais na educação é o exercício da assunção da responsabilidade. A criança precisa aprender a ir assumindo aquilo que faz, como o professor precisa testemunhar ao aluno a responsabilidade da assunção de sua posição científica, política e ética na classe; o que não é possível, é dar um testemunho adocicado de quem não é nada. Eu me recuso a não me assumir. É uma das coisas que sempre fiz desde menino foi assumir os meus medos, assumir minha coragem, por isso que muito cedo descobrir que a coragem não é outra coisa senão o medo educado, domado.

No fundo a coragem não é uma categoria que está lá na esquina esperando por nós, a coragem depende da maneira como eu trato, como eu lido com o meu medo que por sua vez é absolutamente indispensável a minha sobrevivência. Se nós não tivéssemos umas coisas como medo, dor, desesperança, esperança, a vida não dava. A dor é absolutamente indispensável à vida porque ela ajuda o sistema de controle e de cuidado.

Eu não posso como professor deixar de assumir a responsabilidade de minha autoridade. A assunção da responsabilidade da autoridade como professor me leva necessariamente ao respeito à liberdade do educando. É na relação entre uma autoridade que se respeita e respeita a liberdade do educando, que o educando também aprende também a ser livre. Não tenho

dúvida nenhuma de que a liberdade sem limites se perde e com dificuldade se recaia.

A liberdade sem limite se constitui no que eu chamo de tirania de liberdade, quer dizer, é a licenciosidade que implica num desrespeito total de tudo e na falta de qualquer limite. Isso não leva a nenhuma experiência humanizante do mundo. Igual a ela é a experiência de uma autoridade que não se limita eticamente, que vira autoritarismo e, portanto, já não é autoridade.

Como professor eu já nem posso ser o veículo do desrespeito à autoridade, nem a expressão do desrespeito à liberdade. Como professor eu assumo uma autoridade que, respeitando a liberdade do educando, se respeita como autoridade e assume a tarefa reguladora, sem a qual não funciona nem autoridade, nem a liberdade. Essa questão da assunção é absolutamente fundamental, sem você assumir sua vontade, sua vontade se esfacela.

O grande obstáculo de quem se perde na droga, no fumo, no álcool é exatamente o esfacelamento da vontade. Logo, o grande trabalho pedagógico numa experiência que perdeu a vontade é como ajudar esse alguém a restaurar a sua vontade,. Eu me lembro, por exemplo, que eu fui um viciado profundamente amoroso do cigarro e eu costuma dizer: "fumo porque gosto", mas é claro que eu gostava e eu era muito exigente, fumava um certo cigarro, não era qualquer cigarro que me satisfazia. E eu fumava 60 cigarros por dia, eu já era fumaça. Comecei a me perguntar em torno da minha fraqueza e dizia a mim mesmo como é possível escrever *Pedagogia do Oprimido*, como é possível falar na assunção da liberdade, na decisão ética e ter medo de abandonar o cigarro, tremer de susto só em pensar que eu poderia parar de

fumar. O que acontecia, é que essa era uma indagação ambígua, de um lado um pedaço do meu ser eticamente demandava de mim a integridade com força de dizer não a alguma coisa que estava deteriorando o meu corpo, e a outra era a fragilidade a que eu tinha levado a minha vontade. Por isso mesmo eu nunca aceitei o meio termo, por exemplo, amanhã eu fumo só pela manhã Eu não acreditava em nenhuma proposta desta, eu acreditava na decisão e portanto na ruptura, na minha escolha, na minha opção de não fumar, romper portanto com o fumar. Obviamente que pra mim a raiva tem uma importância, não a raiva que me tornasse raivoso, mas a raiva que me ajudasse a amar mais. É diferente, é sutil, às vezes difícil de entender mais é isso o que comigo ocorre. As vezes que tive raiva, tive raiva porque amo. Eu nunca tive raiva de coisa nenhuma porque odiasse a coisa, eu tenho raiva de alguma coisa porque ela atrapalha alguma coisa que eu amo (...). Eu tenho o irreprimível gosto da vida, não há dúvida nenhuma e por causa disso eu cheguei a um momento que tive uma raiva enorme de mim por causa do cigarro. Eu dizia, mas como é que eu posso escrever pro mundo essas coisas de educação crítica, consciência crítica, vontade de mudar o mundo e não sou capaz de mudar a mim mesmo. Aí então eu decidi, portanto rompi.

Tive momentos difíceis, de 86 para cá, eu vivi momentos de grande tensão, inclusive a morte de minha primeira mulher e a volta ao Brasil que afinal de contas, vocês podem bem imaginar o que significou sobrevoar o céu do Brasil e saber que era o céu do Brasil e portanto o chão estava lá em baixo e depois de 16 anos proibido de estar aqui é uma coisa maravilhosa, não tem como explicar, naquela hora eu não me lembrei de cigarro. A morte da Elza

que me deixou desfeito também não me levou a procurar o cigarro. Então essa coisa implicou numa decisão realmente que precisou ser assumida. Se você não é capaz de assumir a decisão que tomou, a decisão não foi uma decisão porque ela não se concretizou na prática.

Eu fiz essas considerações todas pra dizer que não é possível entender o mundo, compreender, comunicar a inteligência do mundo, se saber interminável, entrar num processo de busca permanente que é a educação, comparar, escolher, decidir, romper fora do domínio da ética. Nós nos tornamos necessária e naturalmente seres éticos. Agora uma coisa que é chocante mais é real, e é verdadeira, é que por isso mesmo só os seres que se fizeram historicamente capazes de ser éticos e de eticizar o mundo são capazes também de transgredir a ética. Nunca na história ninguém ouviu falar num grupo de leões que assassinassem os companheiros e ainda, por excesso de cinismo, fossem encorporados na casa do leão morto para levar os seus sentimentos. Só homem e mulher é capaz de fazer isso. Já imaginou a história de tigres africanos que fabricassem uma bomba e mandassem atira-la na cidade dos tigres asiáticos? Só homem faz isso e fez. Por isso mesmo é que não é possível eticizar os tigres nem deseticizar os tigres, absolutamente, não há ética entre os tigres.

É interessante observar que, na medida em que ,não é possível falar em ética entre os tigres que eles são possivelmente éticos. Não se sabe. Parece que só entre nós homens e mulheres é possível que o inimigo mate o outro mesmo quando o outro já revelou que não tem condições de lutar. Pode haver testemunho mais triste, no sentido humano da palavra, do que nesse agora da

polícia de Diadema? É uma coisa monstruosa e ainda há quem defenda isso, em nome do direito da defesa. Ali é um dos momentos em que nós homens e mulheres mostrando até que ponto somos capazes de transgredir a ética.

Para mim uma das lutas nossas como professores, professoras, pais, mães deveria ser a de como trabalhar a eticização do mundo a partir de nós mesmos e a partir da nossa experiência por pequena que ela seja. Inclusive o grande poder está muito mais nas experiências pequenas, está no conjunto de experiências, inclusive no campo do poder local, das comunidades.... Veja bem, eu não estou propondo a nós que nos santifiquemos. Eu acho que a santificação é uma maravilha, mais não é dela que eu quero falar. Eu continuo a achar que a história é de homem e mulher. A presença de Deus na história que eu aceito é um debate teológico que não quero trazer pra cá. A questão é saber como, na história, através dela e com os outros, a gente faz o máximo para testemunhar a assunção da decência. Num país como o nosso, o que está havendo indiscutivelmente é uma democratização da sem-vergonhice. É preciso que a gente se afirme, não como santo, mais precisamente como gente, portanto, como sujeito que pode ser infrator também.

Você sabe que uma das boniteza pra mim de ser gente é que estou absolutamente certo de que ser decente ou indecente na minha vida não é uma questão de decreto. Eu estou feliz de ser gente porque eu posso também virar indecente. Isso exige de mim a assunção da minha verdade ética de não virar indecente. E isso é um exercício duro, difícil, diário. Por isso que também eu não sacudo pedra em ninguém. Isso foi um negócio que eu aprendi com o

velho Cristo. Para mim, é uma das coisas mais bacanas do Evangelho, a gente termina, se a gente for indecente, sacudindo pedra na gente também.

Então o meu apelo as professoras, primeiro eu faço a mim mesmo, aos professores, é que lutemos para experimentar e nos experimentar na experiência da decência, da boniteza. Não é possível separar ética de estética, a experiência ética é uma experiência estética. Como é que pode haver boniteza naquele espancamento da polícia? Naquele desgosto da vida? Não pode haver, como tão pouco não há boniteza nenhuma nos que defendem aquilo, nos que acham que essas coisas são assim mesmo, que a polícia está aí é pra fazer isso.

Para mim a ética em primeiro lugar, não pode separar-se de nada muito menos da educação. Uma educação que não se pauta constantemente na produção da qualidade e virtudes, eu continuo a pensar que as virtudes nós não recebemos de natal. As virtudes não são presentes, são construções nossas, e por isso, não é fácil ser virtuoso.

Uma das grandes virtudes é exatamente a virtude da coerência, que não é fácil, diminuir a distância entre o que você diz, o que você faz e que você pensa.

Uma outra virtude sem a qual a gente não se ajuda a fazer virtude é a humildade, eu preciso estar certo de que na verdade eu não sou santo; segundo, estou longe demais de ser santo; terceiro, de que não preciso de ser santo para ser um homem relativamente decente. Não estou diminuindo a santidade, eu a considero de tal maneira, um arredondamento pós mundo que se dá no mundo. Como educador posso ser um educador que peca, um

educador que cai, a final de contas, o pecado é a transgressão da ética e de vez em quando você transgredir, caímos em saber que transgrediu e pra lutar para não transgredir mais.

Os testemunhos mínimos que podemos dar ao aluno, ao filho, não negar a pergunta que o aluno faz.. Estou propondo é humanidade mesmo, uma humanidade humildemente aceita, mas com a responsabilidade de ser gente. É isso que eu acho que a gente tem que fazer. Como é que eu posso, com meus filhos, conversar de Cristo e ao mesmo tempo, podendo pagar mais do que um salário mínimo a cozinheira, eu só pago um salário e digo pra ela assim: se achar ruim vá embora. Onde é que está Evangelho que defendo bonitamente e este comportamento agora discriminatório e injusto com relação ao salário da cozinheira? Tenho que optar, tenho que decidir. Ou eu continuo falando no Evangelho e aí então eu decentemente aumento o salário da minha empregada, ou eu rompo com o Evangelho. Eu não posso é ficar safadamente fazendo as duas coisas. Como é que posso fazer o discurso da pedagogia democrática e um aluno levanta-se para mim e diz: professor, eu acho que a sua fala está tão bonita, mas o senhor não acha que é muito blá-blá-blá não? Essa pergunta hipotética que o aluno fez não pode ser aceita por mim silenciosamente, mas tem que ser aceita por mim a posição de protesto do aluno. Como educador tenho que levar a descobrir que ele não foi delicado ao me inquirir, mas isso é outra coisa, mas o direito que ele tem de achar que eu estou blablablante eu respeito, e como segundo dever que tenho de dizer a ele que ele está fora do limite e terceiro, é o dever que tenho de ganhar ou perder a guerra ideológica, política e filosófica com ele. Isso sim, esse testemunho eu

tenho que dar. Eu não posso fazer um discurso democrático e dizer pra ele: “cale-se e retire-se porque o senhor me desrespeitou”. Que autoridade intangível é essa. São essas exigências que são éticas, mas o que é preciso é testemunhar ao filho a filha ao adolescente é o respeito por ele, por ela, o que preciso é possibilitar que os filhos e alunos cresçam eticamente, que revigorem a sua vontade, o seu sonho, que não tenham medo de seus desejos, é outra coisa que se deu pouca atenção, resvalando para posições mais puritanas do que éticas, puras. Continuam se abafando os desejos, quando não há ser humano que não tenha desejo, isso faz parte da natureza mesma do ser e da busca, convivendo com o desejo, saber educar o desejo.

São coisas assim que eu gostaria de dizer a vocês com humildade. Eu acho que não disse coisa nenhuma que ninguém jamais tivesse dito. Eu acho que qualquer educador preocupado com esses problemas tem dito isso, mas é uma voz a mais.

Eu acho que a importância de uma fala dessa que eu tive com vocês, não é nem o conteúdo dela, é que ela esteja dita de maneira não hipócrita por um cara que vai fazer 76 anos e continuo acreditando nisso. Eu acho que esse é o grande mérito dessa fala é que o tempo, as razões de desesperança, os embates da vida, as dificuldades, os fracassos, não mataram em mim essa gana, essa força da luta, e da luta que é permanente. Aos 76 eu continuo lutando e falando com a força de quando eu tinha 25, de maneira que hoje o corpo não tem mais, há uma defasagem entre a mente que continua com 25 e o corpo que está fazendo 76. É uma desvantagem danada pro corpo e uma experiência um pouco dolorosa pra mente. Eu fico as vezes consciente de

estar preterido pelo corpo, é horrível, eu gostaria, às vezes lá em casa, de descer para a biblioteca escrever, com a mente absolutamente viva e o corpo com sono e realistamente vence o corpo. Era isso que eu queria dizer a vocês com muita alegria, com muita satisfação. Obrigado.

Paulo Freire

ONDE SE ENCONTRA O MATERIAL
DE E SOBRE PAULO FREIRE EM SÃO PAULO

Ação Educativa - Pesquisa, Assessoria e Informação

Av. Higienópolis, 901

01238-001 - São Paulo - SP

Fone 825.5544

Biblioteca Paulo Freire

Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo

Av. da Universidade, 308

05508-900 - São Paulo - SP

Fone 818.3519

Centro de Educação "O poço do Visconde"

Avenida Pompéia, 634

05022-000 - São Paulo - SP

Fone 055-263.2506 e 864.5489

CEPIS - Centro de Educação Popular do Instituto Sedes Sapientiae

Rua Ministro de Godói, 1484

05015 - Perdizes - São Paulo - SP

Fone 864.1662

CPV - Centro de Documentação e Pesquisa Vergueiro

Rua Prof. Sebastião Soares de Faria, 27

01390 - São Paulo - SP

Fone 55-11-285.6288

Espaço Pedagógico

Rua Pascoal Paes, 158

Brooklin

04581-060 - São Paulo - SP

Fone 531.9239

IEE - Instituto de Estudos Especiais

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Rua Cardoso de Almeida, 990

05013-001 - São Paulo - SP

Fone 62.5142

IPF - Instituto Paulo Freire

Rua Cerro Corá, 550, 2º andar, Cj.22

05061-100 - São Paulo - SP

Fone 3021.5589

NTC - Núcleo de Trabalhos Comunitários

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Rua Monte Alegre, 984, sala 26

05014-001 - São Paulo - SP

Fone 55-11-864.6503

VEREDA - Centro de Estudos e Educação

Rua Purpurina, 287

Vila Mariana

05435 - São Paulo - SP

Fone 210.5249

QUE FUTURO PODE TER O PENSAMENTO DE PAULO FREIRE?

Paulo Freire conseguiu ao longo de sua prática pedagógica, desmistificar os sonhos do pedagogismo dos anos 60, que pretendia que a escola fizesse tudo, e por outro lado, superar o pessimismo dos anos 70, quando se dizia que a escola era puramente reprodutivista.

Fazendo isso, superando o pedagogismo ingênuo e o pessimismo negativista, conseguiu manter-se fiel à utopia, sonhando sonhos possíveis.

O futuro da obra de Paulo Freire, está intimamente ligado ao futuro da **educação popular** enquanto concepção geral da educação.

A *Pedagogia do Oprimido*, mesmo 20 anos depois continua marcando e influenciando a educação popular em diversas regiões do globo, seja em países altamente desenvolvidos tecnologicamente, ou não; e, sem qualquer sombra de dúvida, foi uma das maiores contribuições que o pensamento latino-americano deu ao pensamento pedagógico universal.

Sendo um movimento dinâmico e alimentado por inúmeras visões, a educação popular é um mosaico, e modifica-se conforme a necessidade do momento. Nem todas essas visões se identificam como pensamento de Paulo Freire, mas muitas se referem a ele, passando do otimismo guerreiro da campanha de alfabetização da Nicarágua, pelas escolas comunitárias de cunho não-formal, às experiências estatais de educação, todos se reportando ao paradigma teórico de Paulo Freire. Esses exemplos mostram a extensão universal do pensamento de Paulo Freire.

Nos últimos anos, em suas falas freqüentes e também em seus escritos, Paulo Freire vinha insistindo na análise das conseqüências da globalização capitalista da economia, das comunicações e da cultura, bem como do novo modelo político conservador chamado de "neoliberalismo". Assim em seu livro *Pedagogia da Esperança*, critica o sectarismo e faz uma análise compreensiva da pós-modernidade progressista e recusa à conservadora neo-liberal.

Essa radicalidade é encontrada em toda obra de Paulo Freire, mas no seu último livro *À sombra desta mangueira* encontramos a análise e a denúncia do utilitarismo e do consumismo pós-moderno neoliberal e o anúncio renovado de uma concepção de civilização que não exclui a explicação tecnológica atual, mas a subordina a outros valores, os da **cooperação** e da **solidariedade**. O mercado precisa ser subordinado à cidadania e vice-versa.

Os anos 90 caracterizam-se por um pensamento pós-marxista e pós-moderno, o questionamento das teses socialistas ortodoxas e burocráticas e a afirmação da subjetividade que se expressa por meio de movimentos sociais de índole distinta, mais preocupados com questões imediatas do que com uma utopia distante, como pensava-se nos anos 60.

Diante deste quadro, Paulo Freire retoma o tema da utopia desenvolvido na *Pedagogia da Esperança*. Ele afirma na página 10 deste livro: " sem sequer poder negar a desesperança como algo concreto e sem desconhecer as razões históricas, econômicas e sociais que a explicam, não entendo a existência humana e a necessária luta para fazê-la melhor, sem esperança e sem sonho. A esperança é necessidade ontológica; a desesperança, esperança que, perdendo o endereço, se torna distorção da necessidade

ontológica. Como programa, a desesperança nos imobiliza e nos faz sucumbir no fatalismo onde não é possível juntar as forças indispensáveis ao embate recriador do mundo. Não sou esperançoso por pura teimosia mas por imperativo social.

Estamos vivendo um tempo de crise da utopia. Reafirmá-la se constitui, para nós, num ato pedagógico essencial na construção da educação do futuro. Há os que acreditam no fim do socialismo, que o socialismo morreu, que a utopia morreu, que a luta de classes desapareceu. Mas, os fatos não podem ser encarados desta forma. Não foi o capitalismo que triunfou sobre o socialismo. A moldura autoritária do socialismo é que foi desmascarada, mas isso não significa que a ideologia acabou, pois, ainda convivemos com modelos autoritários de múltiplas facetas. Desta forma não podemos considerar a pedagogia do oprimido como superada, quando ainda temos oprimidos.

Dizíamos, há algumas décadas, que uma educação não autoritária deveria respeitar o aluno. Hoje temos mais clareza desse princípio numa época em que as teorias da educação multicultural enfatizam ainda mais a necessidade dos educadores atentarem para a diferença de cor, classe, raça, sexo etc. Dizíamos que o respeito à diferença era uma idéia muito cara à educação popular. Hoje percebemos com mais clareza que a diferença não deve ser apenas respeitada. Ela é a riqueza da humanidade, base de uma filosofia de diálogo e sobretudo, deve ser conservada.

CONCLUSÃO

O estudo realizado sobre Paulo Freire possibilitou-nos um salto qualitativo e crítico em nossa concepção de educação, sobretudo na realidade brasileira.

A opção preferencial de Paulo pela educação do povo, principalmente do oprimido, teve um início em sua experiência própria de vida. Paulo não só falou do pobre, do oprimido. Ele foi um pobre, um oprimido. Ele experimentou a pobreza, a opressão, o exílio.

Como educador, todo o seu empenho apaixonado, toda sua garra, estava voltada para uma “educação progressista”, ou seja, o processo educacional, segundo a sua concepção, deveria se encarregar de uma prática onde o educador ao formar, se forma com o educando; e ao se formarem numa interação valorizada e consciente, se tornem homens e mulheres “políticos” e “políticas” - no sentido de se assumirem enquanto cidadãos e cidadãs - comprometidos com a história e, mais ainda, comprometendo-se como sujeitos de transformação.

A transformação é uma característica fundamental da prática freireana, haja vista, que por causa de um ideal de transformação, fora exilado por quase 16 anos. Porém, a transformação advogada por Freire só pode ser válida se acompanhada de um outro valor a ser construído por nós, homens e mulheres que lutamos pela educação: a ética.

Embora Paulo Freire tenha retornado ao país, percebemos que, pela própria pesquisa que fizemos com os alunos e professores dos cursos de magistério e pedagogia, ele não é conhecido e reconhecido como deveria ser.

Diante do relacionamento que tivemos o oportunidade de estabelecer com Paulo Freire, embora em um tempo restrito, porém vivenciado com intensidade, só podemos dizer que:

Conhecer Paulo Freire, é conhecer o amor.

Falar de Paulo Freire, é falar do amor.

Contemplar Paulo Freire, é contemplar o amor.

Não poderíamos ter outra definição para aquele coração pernambucano senão o Amor.

Amar foi sua vocação.

Amou a história, as pessoas, a educação...

Assumiu a vida com tanta coerência que fez de nós apaixonados pela mesma causa.

Ele entendeu e transformou em gestos concretos o Mandamento do Amor. Ele só sabia amar a Deus, amando o próximo, sobretudo, o próximo com uma característica bem definida: o oprimido.

Paulo Freire, hoje sentimos saudades, porém nos sentimos privilegiados por termos conhecido você, por termos convivido com você, por termos aprendido com você o Mandamento do Amor.

* * * * *

BIBLIOGRAFIA

- GADOTTI, Moacir, ***Paulo Freire - Uma Biobibliografia***, Cortez Editora, 1996.
- GADOTTI, Moacir, ***Convite à leitura de Paulo Freire***, Editora Scipione 1989.
- Revista Tempo e esperança, nº 233, agosto de 1988, pag. 17-18, Rio de Janeiro.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues, ***O que é o método Paulo Freire***, Editora Brasiliense.
- FREIRE, Paulo, ***Pedagogia da Autonomia - Saberes necessários à prática educativa***, Editora Paz e Terra, 1997.
- FREIRE, Paulo, ***À sombra desta mangueira***, Editora Olho D'água, 1995.
- FREIRE, Paulo, ***Pedagogia do Oprimido***, Editora Paz e Terra, 1970.
- FREIRE, Paulo, ***A importância do ato de ler***, Editora Cortez, 1982.
- FREIRE, Paulo, ***Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido***, Editora Paz e Terra, 1992.
- FREIRE, Paulo, ***Professora sim, tia não***, Editora Olho D'água, 1993.
- FREIRE, Paulo, ***Política e Educação***, Editora Cortez, 1993.